

DA GALLAECIA À EURO-REGIÃO

ROTAS TURÍSTICAS DA NOSSA HISTÓRIA



DA GALLAECIA À EURO-REGIÃO

ROTAS TURÍSTICAS DA NOSSA HISTÓRIA





EDITOR.

Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular

DIRETOR.

Xoan Vázquez Mao

AUTORES.

Víctor Rodríguez Muníz

Laura Rodicio Pereira

REDAÇÃO.

Paula Millara Rolán

COORDENAÇÃO GERAL.

Dpto. Programas e Cooperação, Eixo Atlântico

COORDENAÇÃO PRODUÇÃO.

Chus Torres

DESENHO E MAQUETAÇÃO.

Antía Barba Mariño

PRODUÇÃO.

Around Europe Advisors, LDA

IMPRESSÃO.

Agencia Gráfica Gallega, S.L.U

ISBN.

Versão impresa: 978-989-99606-2-6

Versão Digital: 978-989-99606-3-3

DEP. LEG C 1038-2016

DA GALLAECIA À EURO-REGIÃO

ROTAS TURÍSTICAS DA NOSSA HISTÓRIA



Índice

00 Apresentação.

01 Arte em pedra. A nossa pré-história.

Introdução	8
Dólmenes e antas	8
A cultura megalítica galaico-portuguesa	9
Uma viagem através dos petróglifos. Que mensagens ocultam?	12
O tempo das estátuas-menires	14

02 De castrejos e romanos.

Um mundo em transformação: a cultura castreja	18
Evolução do mundo castrejo	18
A conquista romana	24
Novas formas de assentamento	26
A grandeza das cidades romanas	28
A rede de vias romanas	30
O encanto de percorrer um antiquíssimo vial romano	32
O ouro	33
A religião romana	35

03 Germânicos, Árabes e Vikings: A alta idade média.

Introdução	40
A invasão muçulmana	43
A ameaça viking	44
A arte pré-românica	45

04 Reis, bispos e monges: A idade média.

Introdução	48
Na Galiza...	48
Entretanto, em Portugal...	49
A catedral de Santiago de Compostela	50
As Sés Catedrais, escaparates do estilo românico	53
A arte românica através dos mosteiros	55
Arquitetura gótica	62
Castelos e fortalezas	67
A política em finais da Idade Média: jogo de tronos	69
Os Irmandinhos	71



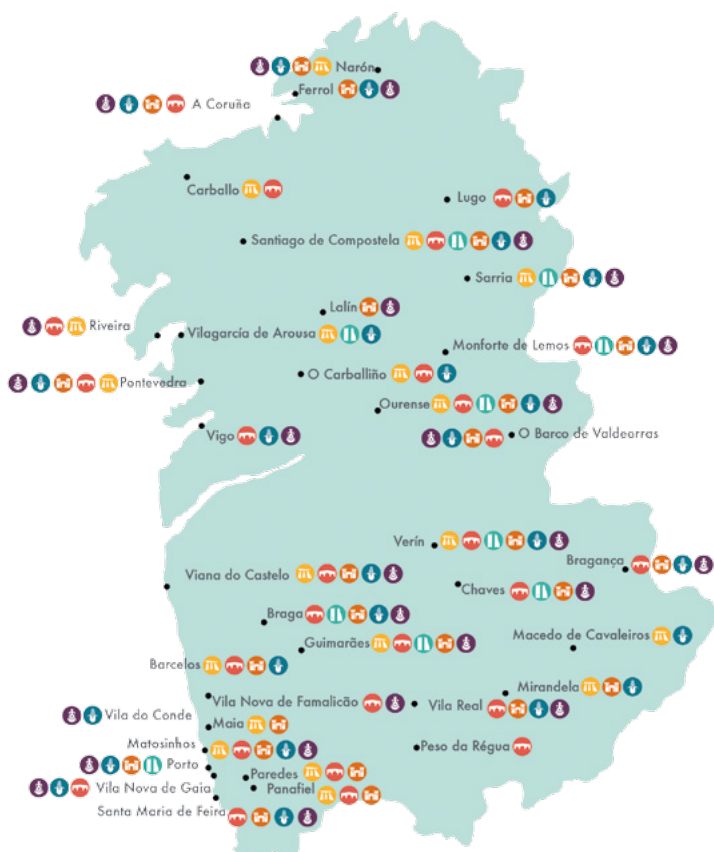
05 O tempo dos modernos.

Introdução	74
A Galiza moderna	74
Da União Ibérica à Casa de Bragança	76
O ocaso dos Áustrias e a chegada dos Borbões	77
Os paços: grandes joias da cultura galaico-portuguesa	78
As caves	80
Novas formas de Governo	81
Património etnográfico: os espigueiros	83
Reforma e contrarreforma: O Barroco	84
Barroco na Galiza	85
Barroco em Portugal	87
Mosteiros e arquitetura	90
Arquitetura de novas ordens: jesuítas, jerónimos e lóios	91
Os fortes costeiros defensivos	93
Ferrol como eixo da estratégia naval	95

06 Da Revolução aos nossos dias.

O palco das Guerras Napoleónicas	98
As guerras Napoleónicas em Portugal	98
As guerras Napoleónicas na Galiza	99
Novos tempos, novas ideias: o liberalismo	99
As Guerras Liberais	101
Portugal na segunda metade do século XIX: do rotativismo à Primeira República	101
O regresso de Fernando VII	103
Do Triénio Liberal às Guerras Carlistas	103
Uma rainha no poder: Isabel II	105
A Gloriosa: a revolução do que podia ser	105
A Restauração	106
O Ressurgimento	107
A crise da restauração e as primeiras experiências republicanas	108
A Guerra Civil	108
A Transição	109
Industrialização: o sector da indústria conserveira	110
Revolução dos transportes: o caminho-de-ferro	112
As pontes como grandes eixos de comunicação	113
A cidade do século XX	114
Novas expressões artísticas	115
Termalismo	117
A arte do século XX	118

Mapa



Arte em pedra. A nossa pré-história.



De castrejos e romanos.



Germânicos, Árabes e Vikings: A alta idade média.



Reis, bispos e monges: A idade média.



O tempo dos modernos.



Da Revolução aos nossos dias.

Festas de recreações históricas

• Galiza

Reconquista



Vigo, 28 de março

Arde Lucus



Lugo, junho

Batalha Naval



Coruña, agosto

Batalha de Brión



Ferrol, agosto

Feira Franca



Pontevedra, setembro

• Portugal

Viagem Medieval



*Santa Maria da Feira
julho agosto*

Festa da História



Bragança, agosto

Braga Romana



Braga, maio



Ricardo Rio

Como Presidente da Câmara Municipal de Braga uma das minhas prioridades foi e é, voltar a por a minha cidade no mapa turístico internacional, com uma atenção especial a este mercado de proximidade, representado pelos 7 milhões de cidadãos que vivemos na Euro-região, durante os 52 fins-de-semana do ano, além das férias de verão ou da semana santa.

O turismo é um dos principais elementos de desenvolvimento económico para o setor terciário das nossas cidades, e consequentemente de criação de emprego, ou seja, cada vez que saímos para desfrutar do atrativo das nossas cidades, da nossa gastronomia, da nossa natureza ou do nosso comércio, ao mesmo tempo estamos a criar postos de trabalho cujo impacto económico também nos beneficia.

Esta estratégia que estou a implementar como presidente da Câmara Municipal na minha cidade, e que também a estamos a impulsionar ao nível do Eixo Atlântico, concretiza-se através de elementos como este guia que tem nas suas mãos, e que espero que o ajude a melhor conhecer o nosso território, as nossas cidades, em suma, a nossa Euro-região, através de todos os elementos que fazem da vida, e do viver, a cada dia, algo maravilhoso.

Porque as nossas cidades entenderam que não devem competir entre si nem disputar o mercado turístico, mas que todas se complementam para captar maior mercado turístico através de uma oferta mais plural, complementar e enriquecedora.

Braga adquire maior dimensão turística se o turista permanecer mais dias para visitar Guimarães, Viana do Castelo, Famalicão e Barcelos, subindo depois até ao interior através da Serra do Gerês, descer até ao Porto ou subir até à Galiza. E o mesmo podemos dizer de cada um dos destinos que integram a Euro-região.

Resta-me apenas esperar encontrá-lo brevemente em qualquer uma das nossas cidades, nas quais, com a ajuda deste guia, poderá descobrir toda a imensa riqueza que a nossa história nos legou e que nos orgulhamos de preservar e partilhar.

**Ricardo Rio, Presidente da Câmara Municipal de Braga
e Presidente do Eixo Atlântico.**



Alfredo García Rodríguez

Os grandes destinos turísticos na Galiza concentraram-se tradicionalmente em Santiago de Compostela e no Caminho de Santiago. Se, em termos turísticos, este facto pode considerar-se afortunado para a região, o certo é que o grande potencial destes dois grandes focos de atração ocultava as restantes alternativas complementares, e extraordinariamente atrativas, existentes na Galiza.

As grandes estatísticas de visitantes atraídos pelo Caminho de Santiago mascaravam a realidade: a ausência de políticas de promoção turística no resto da Galiza. O Eixo Atlântico decidiu assumir esta tarefa, consciente não só da grande riqueza das cidades galegas, mas também do indubitável potencial das cidades portuguesas, já que o conjunto constitui um destino extraordinariamente atrativo. Assim o é tanto para o turismo estrangeiro como para o nacional, e muito especialmente para o de proximidade, que estatisticamente é o que mais alojamento consome durante o período das férias e também durante os fins-de-semana existentes no ano.

Com base nesta ideia promoveu-se uma linha de guias promocionais que cristalizou o conceito de **“Dois países, um destino”**, com o cunho do Eixo Atlântico e da Xunta de Galicia. O título de um dos guias publicados, coincidindo com o último Ano Santo, deixa clara a nossa filosofia: **“O Caminho conduz a mais destinos”**. Com este conceito inicial, analisamos a cultura, a etnografia, a gastronomia e a natureza como elementos motivadores do turismo. Nesta edição, que agora se apresenta, concentrámo-nos na história, esse elemento comum a todo o território desde há mais de 20 séculos, e que deixou uma marca extraordinariamente rica. Propomos, pois, a história como elemento motivador de próximas escapadelas turísticas, as quais esperamos motivar com a leitura deste guia.

Alfredo García Rodríguez, Presidente da Câmara Municipal de O Barco de Valdeorras e Vice-presidente Eixo Atlântico.

ARTE EM PEDRA.
A NOSSA PRÉ-HISTÓRIA





Introdução

A extensa história milenar do território da Euro-região Galiza - Norte de Portugal permitiu que as pegadas dos diversos povoadores destes territórios chegassem até aos

nossos dias. Visitar os monumentos pré-históricos destas regiões é uma experiência enriquecedora, que nos permite compreender melhor como era a vida há séculos atrás.

Dólmenes e antas

Retrocedamos 5000 anos, até ao **Neolítico**, para nos encontrarmos com os primeiros protagonistas desta **viagem pela história e arte da Euro-região Galiza - Norte de Portugal**, onde as primeiras comunidades que habitaram a zona hispano-lusa começaram a erguer monumentos megalíticos. O termo megálito advém das palavras gregas *mega*, grande e *lithos*, pedra.

As comunidades da época, segundo as análises arqueológicas, assentavam em pequenas aldeias construídas em materiais perecíveis, especialmente madeira. Dependiam de uma ganadaria e agricultura incipientes, ainda complementadas com a caça e a recolheção.

Os seus lugares de enterramentos eram monumentais e destinados a perdurar no tempo: **as antas**. Em contraste às suas humildes casas, estas antas demonstram não só habilidade arquitetónica, que exigia trabalho coletivo, como também uma profunda crença na vida depois da morte. Com a construção destes enterramentos assiste-se à **primeira**

humanização da paisagem do noroeste peninsular, e, portanto, a uma transformação nunca vista até então.

Estes enterramentos tinham uma estrutura complexa: na parte mais protegida situava-se a câmara do túmulo, o **dólmen**, uma espécie de arca composta por lajes de pedra

verticais de grandes dimensões (chamadas ortóstatos), em forma mais ou menos circular e rematada por outra grande laje funcionando como cobertura. O acesso a muitas destas antas era feito através de um corredor, igualmente delimitado por grandes pedras. Algumas **conservam mostras pictóricas** nas lajes da câmara, relacionadas com o mundo funerário e a passagem para o além.

Esta câmara funerária não estava pensada para permanecer à

intempérie, pelo que se ocultava com um montículo de terra. Outro nome que se dá às antas é “mamoas”, precisamente, pela sua forma se assemelhar à forma do peito feminino. Este montículo de terra era coberto com pedra, habitualmente quartzo branco, o que fazia que sobressaíssem ainda mais na paisagem circundante. Além disso, a maior parte delas eram construídas em locais também eles de destaque, pelo que esta cobertura branca as tornava especialmente visíveis.



A cultura megalítica galaico-portuguesa

É elevado o número de antas (mais conhecidas como *mámoas* a norte da fronteira) encontradas em toda a Euro-região. Em território português, Mirandela, Matosinhos, Guimarães, Barcelos ou Viana do Castelo contam com interessantes exemplos de megálitos entre o seu património inventariado.

Destaca-se o **Dólmen do Padrão** em **Paredes**, com pinturas a vermelho e preto de representações da figura humana e astrais. Muito perto, em **Penafiel** pode visitar-se a **Anta de Santa Marta** (ou **Forno dos Mouros**). No município vizinho de Baião, encontra-se uma importante zona de concentração megalítica, com cerca de quarenta antas: a **Serra da Aboboreira**.

O **itinerário continua em território galego**, onde existem três grandes áreas de concentração. Uma delas, com **mais de cem monumentos**, encontra-se nas **serras de Leboreiro, Xurés/ Gerês e no vale do rio Lima**; terras que marcam a fronteira galega e portuguesa.



Anta de Santa Marta ou Forno dos Mouros (Penafiel)

Por outro lado, distinguem-se **dois grupos costeiros**. O primeiro situa-se no **litoral noroeste, desde Narón até à Costa da Morte**, onde se podem ver interessantes monumentos, como o dólmen da Pedra Moura em Carballo. Outro dos mais singulares desta comarca de Bergantiños é o **dólmen de Dombate**, em Cabana, com o seu centro de interpretação. É um dos mais conhecidos da Galiza, reconstruído e reutilizado ao longo de quase mil anos até 2700 a.C. Conserva parte do túmulo que cobria o corredor de acesso e a câmara, em cujas lajes aparecem gravuras e restos de pigmentos.

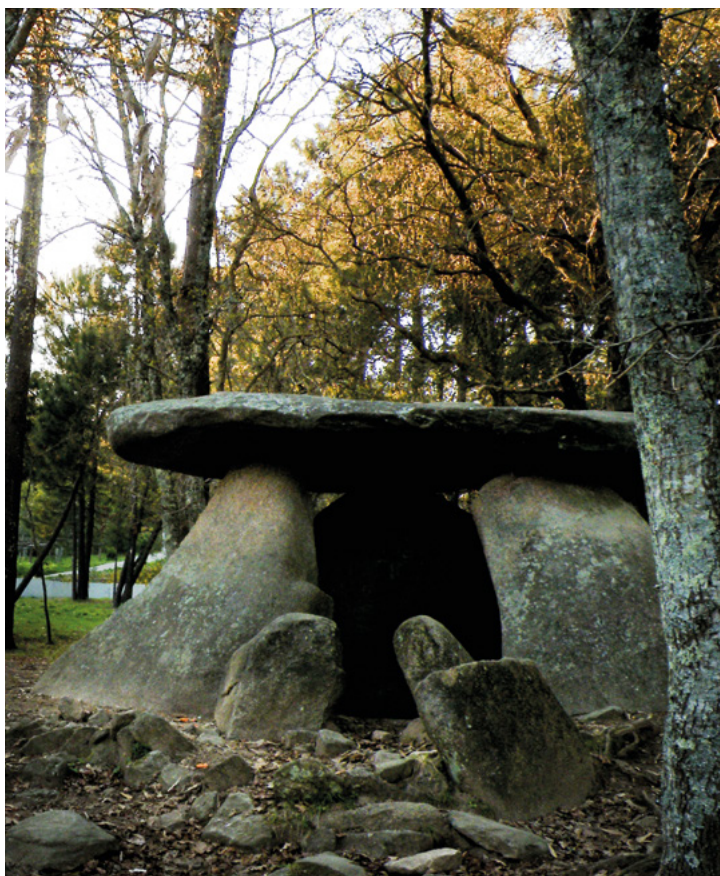


Dólmen do Padrão (Paredes)

O segundo grande grupo de megálitos em **zonas do litoral** estende-se pelas **Rías Baixas**, especialmente nas serras que compõem as suas penínsulas. É o caso do conjunto de Sete Caminhos, nos montes que separam Vilaboia e Pontevedra. Outra visita de grande interesse é o **dólmen de Axeitos em Riveira**. É considerado o “Panteão Galego da Arte Megalítica” do qual se preserva intacta a sua câmara funerária com as oito lajes perimetrais e a sua cobertura, situado numa magnífica envolvente natural que dá acesso às grandiosas Dunas de Corrubedo.

Sabias que...

“As antas têm também um riquíssimo folclore associado em forma de tradições orais. Estas estão ligadas a lendas de mouros, os seres míticos, astutos e riquíssimos, que vêm esconder no imaginário popular todas as culturas anteriores a nós e que o povo não conseguia explicar (não confundir, no entanto, estes mouros com os muçulmanos, por mais que a palavra, tanto galega como portuguesa, seja a mesma). São também estas lendas que explicam que muitos destes monumentos, pelo menos os mais acessíveis e visíveis, não tenham chegado intactos até nós, pois foram abertos já nos séculos XVI e XVIII, em busca das imensas riquezas que teriam e das quais, isso sim, nunca houve rasto.”



Dólmen de Axeitos (Riveira)



Petróglifo de Bagarelos (Lobás, Carballiño)

Uma viagem através dos petróglifos. Que mensagens ocultam?

Continuando a viagem pela **pré-história atlântica**, quase mil anos mais tarde, entre o ano 2300 e 1800 a.C., encontramos uma das nossas manifestações artísticas mais singulares: **os petróglifos**.

Estas gravuras normalmente encontram-se em grandes lajes de pedra, habitualmente em granito de pouca inclinação, e em muitos casos formando grandes conjuntos.

Estas “talhas em pedra” (é isto o que significa, em grego, petróglifo) gravam-se por percussão com pedras pontiagudas de quartzo ou sílex, e os sulcos expandem-se por abrasão.

A temática presente nos petróglifos é muito diversa, plasmando na pedra aspetos da vida e crenças destas comunidades. As representações mais frequentes são as “covichas”, simples ocos mais ou menos circulares escavados na rocha. Outras formas são mais complexas e artísticas, que se podem dividir em dois grandes grupos. Por uma parte, representações **abstratas**, como labirintos e elementos circulares, mas também outros mais retilíneos, como os do conjunto do vale do Tâmega. Por outra parte, desenhos **naturalistas**. Entre estes últimos vemos também uma grande diversidade, com representações tanto humanas como animais, por vezes combinadas em cenas de caça. Também se encontram representações de armas

como as alabardas, como se vê nas compostelanas de Conxo, muito interessantes aliás, já que permitem estabelecer uma datação para estes petróglifos, associando-os com as armas reais aparecidas em contextos arqueológicos.

A franja atlântica constitui um grande museu ao ar livre de arte rupestre, cuja maior concentração se encontra nas **Rias Baixas** e comarcas próximas. Este fenómeno estende-se face ao sul, em Portugal, onde são menos frequentes mas ainda com bons exemplos, como a Laje dos Sinais de Carvalhas, em **Barcelos**, ou a Pedra de Ardegães, na **Maia**, neste caso transferida para o Museu de História e Etnologia da cidade, onde está exposta.

No interior galego, destacam-se petróglifos de grande interesse em zonas como **Santiago de Compostela** (Conxo), na comarca de **Ourense** (Chan da Ferradura, Trasalba, Amoeiro) ou até mesmo no curso alto do Tâmega, em Monterrei e Laza, nas imediações de **Verín**, onde se descobriram recentemente importantes e grandes conjuntos.

Prestando atenção às **Rías Baixas e curso intermédio do rio Lérez** afloram algumas das mostras mais espetaculares da arte rupestre galega, dada a sua grande concentração e a complexidade dos motivos que representam.

Junto com interessantes petróglifos em **Vilagarcía de Arousa** (*Pedra dos Ballotes, Bamio*) e zonas próximas, podemos traçar **uma rota destes conjuntos num raio de 30 km em torno de Pontevedra**, onde se encontram alguns dos conjuntos de petróglifos mais conhecidos e espetaculares. É o caso de Mogor, no concelho vizinho de Marín a 9 km

de Pontevedra junto à costa, muito conhecido pelas suas representações de labirintos.

Subindo o **rio Lérez** encontramos os conjuntos de Ponte Caldelas com os **petróglifos de Tourón, Cotobade e Campo Lameiro**, com um espetacular conjunto de representações na rocha, que lhe valeram um parque arqueológico dedicado a este fenómeno. O **Parque de Campo Lameiro**, a 20 km de Pontevedra, merece uma menção especial já que é considerado um dos **conjuntos mais importantes da arte rupestre ao ar livre da Europa e o maior do noroeste peninsular**. As suas instalações contam com uma área expositiva sobre a vida na Idade do Bronze e uma rota pedestre por mais de 80 petróglifos, que podem observar-se através de um trilho sinalizado.



Pedra de Ardegões (Maia)



Dólmen Pedra Moura (Carballo)



Laje dos Sinais de Carvalhas (Barcelos)

Sabias que...

Nem sempre é fácil interpretar estes trabalhos na pedra. As cenas bélicas ou de caça, às vezes com figuras que parecem ser ídolos ou divindades, podem ser propiciatórias, representando cenas triunfais para recordar boas campanhas ou favorecer as futuras. Sobre o significado das formas abstratas, há quem defenda que os labirintos sejam, na realidade, mapas do território ocupado pela comunidade que o desenhou. Para outras formas, como o petróglifo de Amoeiro, há teorias muito interessantes que o relacionam com a astronomia. Uma questão interessante, ainda hoje, em aberto.

O tempo das estátuas-menires

Num período um pouco posterior, na **Idade do Bronze**, aparece outro tipo de arte em pedra, neste caso em forma de **estátua-menir ou de estela**. Estas representações de guerreiros são muito frequentes no sudoeste peninsular (Andalucía, Extremadura e Alentejo), mas em 2012 foi localizada a mais setentrional da Península em Castelo do Val, a 6 km de Verín. Trata-se da estátua-menir **A Pedra Alta**, atualmente no Museu Arqueológico de Ourense. Este grande bloco de pedra (175x70x30 cm.), com forma muito tosca mas que se assemelha a uma silhueta humana, mostra um guerreiro com toda a sua panóplia de armas: uma espada suspensa por um cinto, um escudo com pega, uma lança ao pé e, mais singular, a representação de um carro.

Apesar de algo mais simples nos seus ornamentos, existem outros dois bons exemplos muito próximos. A uns escassos 30 km em direção a Este, encontram-se **a estátua-menhir de O Tameirón em A Gudiña**, no centro desta localidade e, em **Chaves**, a de **Faiões**. Ambas apresentam uma decoração que consiste igualmente em **equipamento militar**, apesar de carecerem de alguns dos elementos de A Pedra Alta, como o carro.

Estes três exemplos, que surgiram muito próximos entre si, falam-nos da importância que esta zona terá tido na época: o **rio Tâmega** foi, sem dúvida, uma **via comercial e de entrada de influências culturais de outras zonas da Península**.

Este tipo de gravuras, embora o possa parecer, não têm nenhum tipo de relação com as que apareceram na década de 1990 no vale do Côa, no distrito português da Guarda. Estes últimos são um conjunto de centenas de gravuras em paredes de xisto, representando fundamentalmente imagens de animais (cavalos e bovinos, sobretudo) com um alto

grau de realismo. Apesar de estarem ao ar livre, estão mais relacionados com as representações em pintura nas cavernas do que com as gravuras galegas, muito posteriores. As datações levam-nos bem atrás, até 18000 a.C. O seu enorme interesse levou a serem declaradas Património Mundial pela UNESCO. É uma visita muito recomendável para quem passe pelas terras de **Macedo de Cavaleiros**, que apenas precisará de se deslocar uns escassos 50 km para poder visitar este sítio.

DE CASTREJOS E ROMANOS





Um mundo em transformação: a cultura castreja

A cultura castreja deixou como herança um valioso património arquitetónico e artístico que poderá apreciar nos inúmeros vestígios e museus que existem ao longo da Euro-região. Visitá-los é

uma oportunidade imprescindível para descobrir pessoalmente a história destes povos, a sua riqueza artesanal, as suas tradições, o seu modo de vida...

Evolução do mundo castrejo

A cultura castreja desenvolve-se desde finais da Idade do Bronze, até ao ano 800 a.C., mas a sua **expansão** chegará fundamentalmente na Idade do Ferro, entre o ano 600 e a **conquista de Roma**. Ao longo da expansão romana subsistem muitos dos castros já existentes, (são mesmo construídos alguns novos) e alguns servirão mesmo de refúgio da população nos difíceis primeiros anos da Idade Média. Os vestígios arqueológicos encontrados em alguns castros, como o da Serra do Muro (Vandoma, Paredes), confirmam esta reocupação tardia.

Os castros são assentamentos fortificados e situados em locais de fácil defesa e difícil ataque, habitualmente cingindo-se ao alto de uma colina e, adicionalmente, com defesas artificiais como fossos e uma ou várias linhas de muralha. Este espaço fortificado contém não só as casas dos seus habitantes, como também outros espaços de uso público como algibes ou saunas.

Do ponto de vista arquitetónico, as casas dos castros mais antigos são muito simples. Na sua maioria arredondadas, com forno central e chão em terra batida, são construídas com madeira ou adobe, gradualmente substituída por pedra, e uma cobertura vegetal.



Castro da Serra do Muro (Vandoma, Paredes)

Numa segunda fase serão construídos castros, frequentemente de maiores dimensões, entre os quais estão alguns dos de maior longevidade e maior interesse, como **Castromao** em Celanova, a 25 km de Ourense, **Borneiro** em Cabana, a 20 km de Carballo, **Elviña** em A Coruña ou **Santa Luzia** em Viana do Castelo, situado este numa posição estratégica que permitia dominar a foz do rio Lima e, simultaneamente, a costa do Atlântico.

As maiores transformações chegarão a partir do século II a.C., coincidindo com os primeiros contactos com o mundo romano e sua posterior conquista. Tanto os castros já existentes, dos quais muitos serão reconstruídos, como os que se fundam a partir deste momento, espelham uma importante evolução: é então que surge nos castros um certo urbanismo e em que a estatuetária e a decoração arquitetónica alcançam a sua máxima expressão.



Castro Elviña (A Coruña)



Castro de Santa Luzia (Viana do Castelo)



Réplica de balneário castrejo Eiras (Vila Nova de Famalicão)

Os **castros** não só são muito **maiores em tamanho**, como as suas estruturas de **defesa são mais sólidas e elaboradas**. Além disso, modificam a sua distribuição interior, que passa a ser mais cuidada, com um **planeamento urbanístico** com ruas, por vezes até mesmo pavimentadas, canalizações e aljibes para o abastecimento de água. As próprias casas e a sua distribuição são diferentes distribuindo-se agora de forma mais complexa, inclusivamente algumas vezes **formando bairros**. Têm planta quadrangular e irão substituindo o telhado vegetal pelo sistema romano que combina telhas planas (tégulas) e curvas (ímbrices).

Alguns dos **grandes castros** têm mesmo um tipo de **sauna**, denominado **pedra formosa** pela grande laje decorada que a encerra (com uma abertura mínima para o acesso) e mais frequente na zona sul. Na Galiza encontra-se o exemplo de **Armea** em Allariz, a 20 km de Ourense, fazendo este parte da cripta de uma inacabada capela medieval; na zona norte de Portugal, as de **Galegos Santa Maria e Monte da Saia** em Barcelos,

Eiras em Vila Nova de Famalicão, a 40 km de Braga, e **Briteiros** em Guimarães.

“A plástica castreja mais conhecida utiliza trísceles, tetrásceles, rosáceas, linhas ondulantes”

A par da decoração destas lajes surgem também elementos ornamentais noutras construções. A plástica castreja mais conhecida utiliza trísceles, tetrásceles, rosáceas, linhas ondulantes, entre outras. Mas existe também uma verdadeira escultura, centrada nas **representações de “guerreiros”**. São estátuas em granito, em vulto redondo, que mostram figuras masculinas adornadas com uma panóplia de armamento (escudo e capa curta) e ornamental (torques, braceletes, etc.), pelo que foram identificados como guerreiros. Apareceram vários exemplos, novamente no norte, em Armea, Lesenho –Boticas, nas imediações de Chaves– ou Monte Mozinho, em Penafiel.

As características antes mencionadas são comuns a estas **grandes cidades ou citânias castrejas**. Eis algumas das mais importantes do noroeste peninsular.

-San Cibrán de Las, situado nos concelhos de San Amaro e Punxín, próximo a Ourense e O Carballiño. É um dos maiores em extensão da Galiza, habitado desde o século II a. C., com um elevado grau de romanização.

-O Castro de Vigo, situado em pleno centro urbano da cidade, inclui a reconstrução de três edificações castrejas de um dos povoados mais extensos da Galiza.

-Castro de Santa Tegra, um dos mais emblemáticos de toda a costa galega. Está situado no monte homónimo, em A Guarda, aproximadamente a uma hora de Vigo ou Viana do Castelo. Foi declarado Monumento Histórico Artístico Nacional no ano 1931 e é,

igualmente, Bem de Interesse Cultural. Em várias das pedras do monte encontram-se petróglifos.

-Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira, a meio caminho entre Guimarães e Penafiel. Conta com uma centena de habitações de planta circular e quadrangular, agrupadas em cerca de quarenta núcleos domésticos. Complementarmente é também indispensável a visita ao Museu Arqueológico.

-Citânia de Briteiros. Encontra-se no alto do monte de S. Romão, Guimarães. Chama a atenção por vestígios como inscrições latinas e a abundância de moedas da República e do Império, fragmentos de cerâmica de luxo (*terra sigillata*), vidros, etc.

-Monte Mozinho, em Penafiel. Trata-se de uma cidade proto-romana que inicia a sua cronologia na transição de era. O castro é coroado pela acrópole, protegida por um robusto



Castro da Cidá (Riveira)



Castro de Monte Mozinho (Penafiel)

muro de pedra, apesar do seu interior ser desprovido de qualquer estrutura urbanística. A entrada, na parte superior do castro, estava flanqueada por dois torreões, onde se encontravam duas estátuas de guerreiros galaicos, atualmente no Museu Municipal. Integra a Rota dos Castros e Verracos da Fronteira Hispano-lusa.

Tanto estas grandes citânias tardias como os mais relevantes dos castros de origem anterior, como Castromao, Armea e Santa Luzia, irão acentuar o seu papel como **capitais** de uma coletividade determinada o **populus castrejo**.

A atividade comercial destes grandes castros está plasmada na **presença de cerâmicas importadas e produtos**

de luxo. É muito evidente no **castro de Viladonga**, em Castro de Rei, a 20 km de Lugo, um importante assentamento entre os séculos II e V d.C., em plena fase galaico-romana, e um verdadeiro articulador do comércio no norte galaico. O mesmo sucede no **castro de Monte Castelo de Guifões** em Matosinhos, situado no estuário do rio Leça. A considerável quantidade de fragmentos de ânfora encontrados na sua escavação evidencia a relevância que, uma vez em contacto com Roma, teve dentro das rotas de comércio marítimo. De tal forma que, mesmo após a conquista romana, não perderão como reforçarão mesmo este papel articulador do seu território.

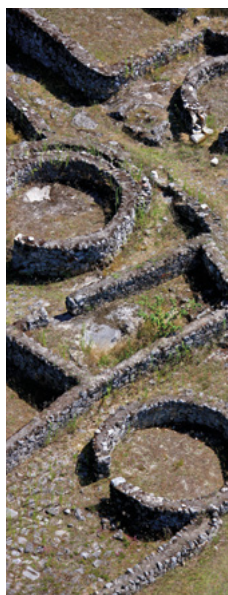
Em resumo, geograficamente pode afirmar-se que a **cultura castreja**



Castro de Monte Castelo de Guifões (Matosinhos)

se espalha no território bastante coincidente com o que virá a ser a **Gallaecia romana**: a atual Galiza, as comarcas mais ocidentais das Astúrias, as províncias de Leão e Zamora, bem como o norte de Portugal. Apesar de a Gallaecia vir a ter o seu limite no Douro, a área de influência da cultura castreja chegou mais a Sul, ao

rio Vouga. Entre ambos os rios, em Santa Maria da Feira, encontra-se o **castro de Romariz**, no qual se pode ver uma interessante coexistência de estruturas de casas quadrangulares e circulares. Foi habitado desde o século V a.C. até aos primeiros momentos da romanização.



Castro de Romariz (Santa Maria da Feira)



Estrutura termal Pena Grande (Barcelos)

A conquista romana

Foi necessário **mais de um século** para que as terras que hoje fazem parte desta **Euro-região** fossem definitivamente **agregadas ao Império romano**.

Os romanos penetraram pela primeira vez no noroeste peninsular no ano 137 a.C., sob o comando de Décimo Júnio Bruto. O segundo momento de contacto teve lugar no ano 63 a.C., com Júlio César, que chegou por mar desembarcando na atual Corunha. A terceira e definitiva fase da conquista virá com as campanhas de Augusto nas Guerras Cantábricas, no ano 26 a.C.

Desde este momento, a Gallaecia fica integrada definitivamente na romanidade dependendo da província da Hispania Citerior, com capital em Tarraco. Será apenas aquando da reforma de Diocleciano, em inícios do século III, que se converterá numa província independente. O limite meridional da Gallaecia será marcado pelo Douro, pelo que as terras a sul do rio, como o caso de Gaia e Santa Maria da Feira, não eram galaicas, faziam parte da Lusitânia.

Para além dos confrontos bélicos iniciais, a convivência parece ter sido pacífica. Assim se explica a existência de pactos de hospitalidade entre os membros de um *populus* e um representante da administração romana. É o caso da *Tabula hospitalis* de

Castromao, em Celanova, datada do ano 132 e que reflete o acordo entre os coelernos e um prefeito da Cohors I Celtiberorum, destacamento militar fixado na Gallaecia entre os séculos II e IV. Mais de um século antes (7 e 9 d.C.), na Lusitânia os túrdulos que habitavam o castro de Monte Murado (Senhora da Saúde, Vila Nova de Gaia) já tinham assinado dois acordos de hospitalidade com Décimo Júlio Cilo, fixado no local.

Após a conquista romana, ao mundo castrejo sobrepõe-se uma estrutura com base nas novas cidades. Isto determina um território mais romanizado na área de influência de Braga, enquanto nas zonas mais a norte se manterão formas de organização mais tradicionais e ligadas à tradição castreja.



Monte Murado (Senhora da Saúde, Vila Nova de Gaia)

A **Gallaecia** esteve estruturada, para os romanos, **em três cidades capital dos seus respetivos territórios ou conventus: Braga** (*Bracara Augusta*), **Lugo** (*Lucus Augusti*) e, fora do território do Eixo, Astorga (*Asturica Augusta*), cujo apelido partilhado faz referência à sua fundação na dinastia augusta, pouco depois da conquista. Ver-se-ão complementadas por outras de menores dimensões mas também importantes, como Ourense ou Vigo, que nascem como pequenas populações que acabarão por se desenvolver, ou **Chaves** (*Aquae Flaviae*), elevada a município no ano 79 por Tito Flavio Vespasiano, que será uma cidade fundamental para estruturar o sudeste galaico.

Se todas estas cidades romanas tiveram continuidade no tempo, chegando à atualidade, como importantes povoações, ocorreu o oposto noutro caso. Na freguesia do Freixo, em Marco de Canaveses, a 20 km a Este de Penafiel, encontram-se as ruínas de **Tongóbriga**. As escavações levadas a cabo desde 1980, além de uma zona residencial, revelaram especialmente diversos espaços públicos desta cidade nascida em inícios do século II. Pode apreciar-se o seu fórum, uma série de áreas comerciais e estrutura termal, na qual os de tradição romana complementaram a anterior ainda de estilo castrejo, com a sua *pedra formosa*.

Sabias que...

Quando os soldados de Roma se depararam com a neblina do rio Lima acreditaram que estavam perante o Letheo, o Rio do Esquecimento da mitologia grega. Conta a lenda que o general Décimo Júnio Bruto cruzou o rio e, para demonstrar que conservava íntegra a sua memória e incentivar os seus soldados a atravessar, foi chamando um por um pelo seu nome. Antes deste episódio, terá tido que enfrentar vários povoados castrejos entre os quais se encontravam os que terminariam por emprestar o seu nome a toda esta terra: os kallaikoi.



O Castro (Vigo)

Novas formas de assentamento

A conquista e domínio romano introduziram **assentamentos** totalmente novos, como as **Villae**, grandes edificações rurais que incluíam duas partes bem distintas: a *pars rustica*, dedicada às tarefas agrícolas e ganadeiras, e a *pars urbana*, onde residia o dono da *villa* e a sua família. Estas *villae* não são muito abundantes em território galaico, e costumam estar relacionadas com a área de influência dos grandes núcleos urbanos. Em **Verín**, no **vale do Tâmega** e ligadas a **Chaves**, encontra-se a de **Muradellas** reocupando um antigo castro, na qual se encontrou uma interessantíssima escultura romana, uma representação em mármore de Dionísio, deus do vinho, e o sátiro Ampelos. Não muito longe, também em Verín, está **Bouzadoiro**, com a sua pouco comum estrutura com muro perimetral, ao estilo das vilas britânicas.

Outros exemplos relevantes são **Toralla em Vigo** e **Santomé em Ourense**. Esta última é muito interessante pela sua configuração, já que mostra evidências de ter sido uma construção em dois pisos e contar com luxos como um sistema de aquecimento. Destaca-se também por estar junto a um castro de origem pré-romana que, como é habitual, sofreu uma considerável renovação no seu urbanismo, no momento em que entrou em contacto com os costumes romanos.



Villae de Toralla (Vigo)



Villae de Santomé (Ourense)



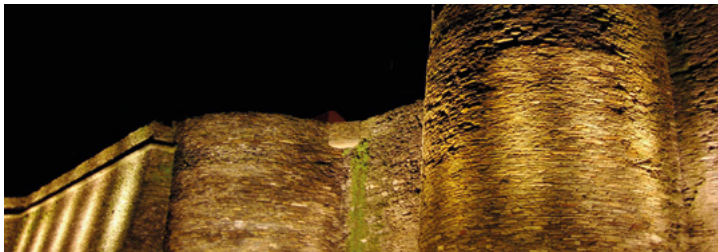
Fonte do Milho (Peso da Régua)

A presença da atividade agrícola é muito evidente em algumas destas vilas. Na de **“Fonte do Milho” em Peso da Régua**, junto à parte residencial aparece uma parte rústica em que podemos ver a primeira evidência de **viticultura na Gallaecia**. Embora os mosteiros medievais venham a ser os grandes difusores do vinhedo, a introdução da viticultura vem já do mundo romano. Antes, os castrejos conheciam o vinho mas não o produziam: tratava-se de um produto de luxo, importado, para consumir em grandes celebrações. Esta vila, datada do século III, conserva uma interessante estrutura na qual funcionou um lagar de torno.

As **villae costeiras** costumam estar ligadas a outro tipo de atividades, à margem das agrárias. É o caso das **salinas**, existentes em diversas zonas da costa, como Vigo. Em **Portugal** destaca-se o conjunto da **praia de Angeiras** (Lavra, **Matosinhos**), onde existe uma série de tanques escavados próxima aos quais se encontra outra salina, que foram utilizados como **lugares de salga ou elaboração de garum**, um condimento à base de vísceras de peixe macerado, muito comum e apreciado na gastronomia romana.



Salina (Vigo)



A grandeza das cidades romanas

As **cidades**, além de albergarem **edifícios de tipo administrativo ou governamental**, erigiam-se como **grandes centros de intercâmbio comercial**. Da mesma forma, tinham também outro tipo de elementos, muitas vezes de carácter lúdico, como os complexos termais presentes em boa parte delas. **Ourense, Chaves, Lugo e Braga conservam** evidências de suntuosos **edifícios de uso termal** deste período romano, aproveitando os recursos naturais de águas quentes nos primeiros casos, ou construindo para tal fim importantes hipocaustos, como em Braga, com um grande complexo termal no Alto da Cividade. Estas termas de hipocausto, à menor escala para uso doméstico, estão também presentes em muitas vilas da época romana.

No caso de Lugo, as termas datam do século I, aquando da fundação da cidade. A conservação de parte das salas originais permite conhecer perfeitamente como era a sua estrutura. O achado atual conserva o *apodyterium* ou vestiário, e várias salas dos banhos com piso em *opus signinum*, assim como restos do antigo balneário, com o seu sistema de canais para a passagem da água e muros para conter as subidas do caudal do Minho.



Muralha de Lugo (Lugo)



Muralha de Lugo, subida ao adarve (Lugo)



Muralha de Lugo, Torre da Mosqueira (Lugo)

A importância que as cidades assumiram no mundo romano é visível pelos cuidados que se tomaram para as proteger em momentos de instabilidade. De facto, tanto Braga como Lugo foram amuralhadas no século III.

A muralha de Lugo é o elemento mais característico da cidade e **a única da época romana que se conserva íntegra no mundo**. Com 2266 metros de comprimento, entre 8 a 12 metros de altura e entre 4 a 7 de largura, cobre uma superfície de 34,4 hectares. Apesar de hoje em dia não se distinguir, a muralha contou com um fosso com quatro metros de profundidade e vinte e cinco de largura. É um elemento que mostra claramente a vocação defensiva da muralha, antigamente coroada por 85 grandes torres semicirculares que mediam entre dez e treze metros de

diâmetro. Atualmente conservam-se 71 torres ou cubos ao nível do muro, sendo que parte de *A Mosqueira* conserva o seu tamanho original. Dispõe de 10 portas de acesso, cinco originais da época romana e outras cinco construídas nos séculos XIX e XX. Foi declarada Monumento Nacional em 1921 e Património da Humanidade pela UNESCO no ano 2000, pela sua singularidade e excelente estado de preservação.



Ponte Romana (Ourense)

A rede de vias romanas

Uma das maiores obras de engenharia deixada pelo Império Romano é a **rede de vias**, que uniram os lugares mais distantes do império com a sua capital. Estas calçadas contribuíram para dar unidade ao território e facilitar a sua ocupação e exploração, bem como garantir a mobilidade das tropas, pessoas e mercadorias.

Estes caminhos romanos eram especialmente cuidados, com um traçado que evitava fundos de vales ou cumes, tentando sempre manter uma cota estável e sem grandes desníveis. Na sua construção dispunha-se uma plataforma larga e diversas coberturas para dar estabilidade e uma boa nivelção. Ao contrário do que comumente se crê, não eram pavimentadas nem calçadas, salvo em troços muito concretos.

Na Gallaecia conhecem-se, pelo chamado **Itinerário de Antonino**, um verdadeiro mapa de estradas da época, **cinco vias principais**. A primeira delas, a XVI, comunicava face ao sul com a Lusitânia, já que unia Bracara com Olisipo, passando por Scalabis (Santarém, a capital conventual) e Aeminium (Coimbra). Esta via atravessava o término de Santa Maria dae, ao norte do Douro, cruzando-o perto já da sua foz, seguia por Leça do Balio (Matosinhos) e Maia.

As quatro restantes uniam, sempre dentro dos limites da Gallaecia, Bracara com Asturica com um diverso percurso intermédio:

- **A XVII é a mais antiga**, com origem na dinastia Augusta e pouco posterior à conquista. Unia estas cidades pelo percurso mais a sul (sem entrar no território atualmente galego), por Chaves e imediações de Bragança.

- **A XVIII foi chamada Via Nova** já na época romana, o que indica claramente que é posterior, da época flávia. O seu percurso dirige-se mais a norte, subindo o rio Lima até enlaçar com o Sil e entrar pelo Bierzo. Para proteger a sua construção criou-se o acampamento militar de *Aquis Querquennis* (Bande, 50 km desde Ourense), de curta vida mas de interessante configuração. Se em todas estas vias se conservam diversos



Passagem sobre o Tâmega (Chaves)

miliários, grandes pedras cilíndricas, com indicações de distância do ponto de partida ao ponto de destino, na Via Nova a presença destes é mais numerosa, especialmente na zona montanhosa e hoje fronteira do Xurés/ Gerês.

-A XIX une as três capitais conventuais, Braga, Lugo e Astorga, com um percurso mais paralelo à costa, passando por Asseconia (que se identificou como Santiago de Compostela) para chegar a Lugo e, desde aí, seguir para Astorga pelo vale do rio Navia.

pelas terras de Carballo até Brigantium (A Coruña), antes de descer de novo para Lugo.

Estas vias não foram as únicas que ligaram o território: todas elas terão tido comunicação entre si, por exemplo, pela via que unia diretamente Braga e Lugo, que cruzava o Minho em Ourense e o Arnoia através de outra ponte, que conserva íntegra a sua estrutura romana, a de Freixo em Celanova. Existia igualmente uma rede de vias secundárias que chegavam a localidades menos relevantes.

Por último, **- A XX** é similar à anterior, mas modificando o troço central para conduzir para o norte da Galiza,



Ponte Aquae Flaviae (Chaves)

O encanto de percorrer um antiquíssimo vial romano

Apesar do cuidado do seu traçado, estas vias inevitavelmente tiveram de transpor rios, em alguns casos, de grande extensão. A mestria dos romanos neste tipo de obras públicas é bem conhecida, e na Gallaecia podem ver-se boas mostras.

No traçado da Via Nova conserva-se um exemplo perfeito de engenharia romana. É a ponte do rio Bibei, em A Pobra de Trives, Ourense, facilmente acessível desde O Barco de Valdeorras. Foi erguida na época de Trajano, no ano 114 d.C. Conserva íntegra a sua estrutura romana, à qual foram acrescentados muretes de segurança, e hoje em dia continua a suportar imperturbavelmente a passagem da estrada municipal. A sua estrutura assenta em três arcos, o central claramente maior, com 25 metros de altura sobre o caudal e 75 metros de longitude no total. Conta com pegões águas acima e, como a sua duração no tempo e impecável estado de conservação deixam ver, um excelente trabalho de cantaria em *opus quadratum*, com blocos perfeitamente entalhados entre si.

Na mesma via podemos ver elementos romanos nas pontes próximas de Navea, sobre o rio com o mesmo nome e Cigarrosa, sobre o Sil, apesar de muito modificadas. **Pontevedra e Ourense** são localidades que viveram um desenvolvimento significativo já na época romana, por terem tido importantes pontes, no primeiro caso, para a via XIX e no segundo, para a que unia diretamente Braga e Lugo. A própria cidade de Lugo contou com uma ponte para atravessar o Minho à passagem da via XIX que, à semelhança da de Ourense, ainda preserva parte da sua estrutura original. Ambas foram, no entanto, muito alteradas em épocas posteriores,

a de Ourense ao longo da Idade Média e a de Lugo no século XIX.

A mesma importância teve para **Chaves** a passagem sobre o Tâmega, chamada de “ponte de Trajano”, nome do imperador sob cujo mandato foi construída nos finais do século I. À margem da ponte em si, com os seus quase 150 metros de longitude, e da qual se conservam à vista doze arcos após as reformas de 1930 que soterraram alguns deles, são muito relevantes para o estudo desta época as inscrições que as suas colunas apresentavam, especialmente o “Padrão dos Povos”, em que são enumerados os diversos *populi* do *conventus* bracarense.

Para as rotas navais, destaca-se o **farol da Torre de Hércules** em A Coruña. Declarado Património da Humanidade em 2009, é o **farol romano mais antigo do mundo** e o único que se conserva em funcionamento. Foi construído nos últimos anos do século I, apesar de ter sido alvo de uma adequada reabilitação, em finais do século XVIII, na qual se respeitou, realçando-se mesmo, a sua configuração original.



Farol da Torre de Hércules (A Coruña)



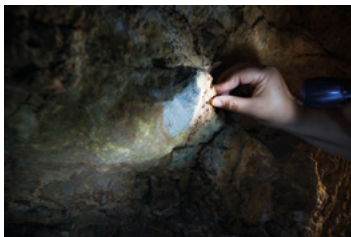
Mina de auga (Carballiño)

O ouro

Quanto à **economia**, uma questão que se revestiu de especial importância para Roma foi a **exploração mineira** e, dentro dela, a **extração do ouro**. Os habitantes dos castros, antes da romanização, já tinham acedido ao ouro, mas apenas bateando os rios e a uma escala muito reduzida. Portanto, a exploração sistemática e extensiva dos recursos auríferos do Noroeste da Península começou e terminou com o império romano.

Nas serras orientais da Galiza realizou-se esta atividade mineira, pelo que se chegou a construir novos castros entre os séculos II e IV d.C. para os seus trabalhadores. De destacar a **extração aurífera no rio Sil e seus afluentes**, nos quais a quantidade de ouro era tal que justificou colossais trabalhos, como o desvio do rio em Montefurado (Quiroga, Lugo; acessível desde Monforte de Lemos ou O Barco de Valdeorras). Igualmente, servindo-

se de mão-de-obra presumivelmente escrava, removeram imensos volumes de terra através do sistema de *ruina montium*, que consistia na abertura de passadiços debaixo da terra, pelos quais se fazia circular uma grande quantidade de água, trazida para o efeito por canais, para conseguir o desmoronamento da montanha e, assim, poder recolher o ouro contido na terra. Este sistema, utilizado nas Médulas



Centro de Interpretação das Minas de Ouro de Castromil e Banjas (Paredes)
Mina de ouro de Castromil (Paredes)

(Carucedo, León), foi igualmente empregue em minas menores em Ribas de Sil (Lugo) ou Viana do Bolo (Ourense), três sítios aos quais se recomenda a sua visita desde O Barco de Valdeorras.

Em **Paredes** utilizou-se um sistema diferente para explorar um jazigo aurífero que se estendia até ao município vizinho de Valongo. Nos lugares de Castromil e Banjas,

ambos na freguesia de Sobreira, aproveitaram-se importantes filões de ouro, através de um sistema misto de cortas ou desmontes a céu aberto de grandes volumes de terra, combinados com galerias subterrâneas, de que se preservam ainda recetáculos escavados para apoiar as lucernas ou lamparinas. As minas são visitáveis e, para o seu melhor conhecimento, foi criado recentemente um centro de interpretação.



Templo romano de Santalla ou Santa Baia de Bóveda (Lugo)

A religião romana

Uma parte fundamental da cultura romana girava em torno da **religiosidade**. É bem sabido que Roma, ao contrário de outros povos, não impôs as suas crenças aos povos conquistados, aliás, como forma de facilitar a sua integração, tendeu a respeitar os seus cultos e deuses, incorporando-os ao panteão romano. Ora o mesmo aconteceu na **Gallaecia**, onde se pôde observar uma **vasta variedade de cultos**, mas entre os quais a religião oficial romana parece ter sido muito minoritária. Podem encontrar-se referências à mesma, por exemplo, em alguns miliários. Estes não só indicavam as distâncias até às cidades que a via unia, como também muito frequentemente, eram utilizados como suporte propagandístico, introduzindo uma menção ao imperador divinizado, como era costume.

As mostras de religiosidade mais amplificadas remontam a antigas divindades pré-romanas, castrejas, que foram incorporadas e assimiladas a algumas das puramente romanas. Existem abundantes aras com máximas e inscrições tipicamente romanas mas oferecidas a divindades locais: em **Santa Maria da Feira**, onde terá existido um santuário na colina que hoje ocupa o castelo, foram encontradas inscrições votivas ao deus Bandedelugo Toireco.

Muitas outras foram dedicadas a ninfas e divindades aquáticas, como sucedeu na **"Fonte do Ídolo"** em Braga, dedicada no século I d.C. ao deus Tongoenabiago. Igualmente interessante é o exemplo de **Ourense**. Nas **Burgas**, os mananciais de águas termais da cidade, desenvolveu-se, também no século I, um lugar de culto dedicado a Revve, divindade aquática característica do noroeste peninsular. Em honra de Revve Anabaraego foi dedicado um significativo número de aras, encontradas em torno de um complexo termal com piscina, em que se terão aproveitado as virtudes salúíferas destas águas.

Ambos os conjuntos, de Braga e de Ourense, são visitáveis e contam com os seus respetivos centros de interpretação.

O deus Larouco foi um dos mais relevantes do panteão castrejo, e dele conserva-se inclusivamente uma representação em pedra, o **"ídolo"** da igreja de Vilar de Perdizes, Montalegre, Vila Real. Encontra-se quase no sopé do monte fronteiriço que ainda tem o nome da antiga divindade. Nesse mesmo lugar, uma inscrição compara o deus galaico à figura máxima do panteão romano, Júpiter.



Fonte do Ídolo (Braga)

Um exemplo similar a este último, mas neste caso romanizando um **santuário rupestre** preexistente, é **Panóias em Vila Real**. Aqui existe uma série de cavidades de distintos tamanhos para o sacrifício de vítimas em honra dos deuses e seres infernais, como se explica nas cinco inscrições de que consta o conjunto, quatro em latim e uma em grego. Entre essas divindades encontra-se Serapis, uma divindade oriental, helenística-egípcia, cujo culto terá sido introduzido pelos romanos, junto com deuses do panteão indígena, os deuses Lápitais.

Outra divindade forânea cujo culto está comprovado na Gallaecia é **Mitra**, deus persa do sol, da sabedoria e da guerra, do qual se conhece um **templo em Lugo**. Nele, um centurião romano e cobrador de impostos na cidade dedica uma ara ao deus, em inícios do século III. Menos de 100 anos mais tarde foi arrasada parte do edifício em

que se encontrava este mitreu, para dar lugar à construção da monumental muralha, apesar das suas ruínas serem ainda visitáveis.

Uma nova religião que rapidamente será não só a maioritária no Império como será mesmo a única oficial é o **cristianismo**. Não se pode assegurar quando se introduz na Gallaecia, mas seguramente ao longo do século III deve ter chegado já ao seu auge.

Santalla ou Santa Baia de Bóveda, em Lugo, teve o seu papel nos primeiros momentos do cristianismo na Gallaecia, se bem que as interpretações sobre este enigmático edifício, iniciado no século IV, continuam a ser muito díspares. O tanque central e as pinturas murais nas partes conservadas da abóboda, com apainelados em que aparecem representadas diversas aves, levaram a duas explicações fundamentais.



Estância termal de As Burgas (Ourense)

Uma é que se trate de um ninfeu, um lugar de culto a estas divindades aquáticas. Outra é que se tenha construído como templo paleocristão, em que os elementos como o tanque e as aves aludem à ideia cristã da fonte da vida. Numa segunda fase, já na Alta Idade Média, o conjunto foi utilizado novamente como igreja.

A primeira mostra artística indubitavelmente cristã é o Crismón de Quiroga, uma peça circular em



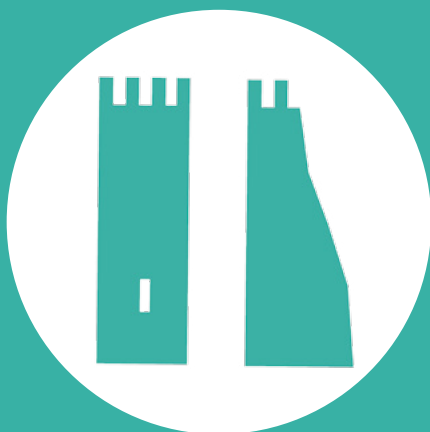
Piscina Santuário de Revve (Ourense)

mármore de grandes dimensões, 95 cm de diâmetro, com a representação de um cristograma, as iniciais em caracteres gregos do nome de Cristo, rodeada de uma inscrição latina alertando sobre as riquezas mundanas. Considera-se que fazia parte do mausoléu de um romano nobre, datado dos inícios do século V. Encontrado na igreja de Ermida (Quiroga), hoje está exposto no Museu Diocesano de Lugo.



Santuário rupestre romanizado de Panóias (Vila Real)

GERMÂNICOS, ÁRABES E VIKINGS: A ALTA IDADE MÉDIA





Introdução

São tempos obscuros. Séculos em que as invasões de germanos, árabes e vikings se vão sucedendo, deixando uma forte marca na história.

A 31 de dezembro do ano 406 vários povos bárbaros cruzam o Reno, gelado, penetrando pelo norte num Império romano muito débil e incapaz de manter as suas fronteiras.

Entre estes bárbaros, forçados a abandonar as suas terras pelas campanhas dos hunos, estão suevos, vândalos e alanos. Após alguns anos de pilhagens ao longo do Império chegam à

Península Ibérica no ano 409, deixando ao sabor da sorte a sua distribuição, pelo que a província da Gallaecia fica para os suevos. Estabelecem-se aqui, assinando um pacto de convivência, um foedus, com Roma, o qual lhes permite residir nesta terra mas reconhecendo oficialmente a autoridade imperial.

Não se sabe quantos poderão ter sido estes suevos, mas seguramente um número reduzido. Também não se estenderam pelo conjunto galaico, aliás, a sua zona de preferência coincidiu com o território do antigo conventus bracarense: a divisão sul da Gallaecia, com os seus grandes eixos em Braga e Ourense.

Este pequeno número parece ter facilitado a integração entre galaicos e suevos. Segundo o historiador romano Paulo Orósio (galaico e testemunha direta destes acontecimentos) os suevos, uma vez estabelecidos, “trocaram a espada pelo arado”.

A religião é um dos **elementos de aproximação entre suevos e galaicos**.

Poucos anos depois de se terem instalado, os suevos convertem-se ao catolicismo, a religião já oficial no Império, desde há décadas atrás.

Quanto à **política**, a situação não segue o guião previsto por Roma. **O acordo firmado com os suevos rompe-se** quando estes **declaram o reino da Galiza no ano 420**, proclamando Hermerico como rei e estabelecendo a capital em Braga. Nasce assim o primeiro reino independente dentro do território que havia pertencido a Roma.

A partir deste momento começarão as tensões com os visigodos, que, por sua vez, tinham chegado à Península no ano 416. A relação entre ambos os reinos foi oscilando entre momentos de esplendor suevo e outros em que este se via, embora sendo independente, muito submetido ao poder do reino visigodo de Toledo. Finalmente, depois de um período de recuperação do reino suevo,

na segunda metade do século VI, um conflito sucessório terminará com a **conquista por parte dos visigodos no ano 586**, encerrando assim um capítulo muito interessante, mas pouco conhecido da história do noroeste peninsular.

Do mundo suevo são muito escassos os restos arqueológicos ou artísticos que se conservam. Destaca-se **Ourense**, onde além de aparecerem moedas cunhadas neste período na casa da moeda da cidade, conservam-se ainda várias colunas em mármore reutilizadas na **igreja de Santa María a Nai**, que tinham feito parte da catedral sueva. Perto daqui, em **San Pedro de Rocas** (Esgos, a 15 km para Este), nos finais do reino suevo fundava-se uma comunidade de monges, conforme conta na inscrição de uma ara datada de 573.

No âmbito cultural e religioso, a figura mais importante é Martinho de Dume. Nascido em Panónia (Hungria) veio ao reino suevo, diz-se, como enviado do imperador de Bizantino. Chegou a ser bispo de Braga, onde fundou o mosteiro de Dume, e reestruturou a organização eclesiástica com uma série de paróquias, descritas no *Paroquial Suevo*. A sua principal preocupação foi corrigir os costumes pagãos de uma população oficialmente cristã, mas ainda muito influenciada por crenças pré-romanas, como o culto aos elementos da natureza, e na qual o priscilianismo, declarado heresia, estava fortemente enraizado.

Desde que foi anexado ao reino visigodo, o noroeste não tem um grande protagonismo político, senão na cultura e na arte. São Frutuoso,

também bispo de Braga e abade de Dume, impulsiona a criação de mosteiros em território galaico. Muitos deles organizam-se de acordo com a sua regra monástica, que será a maioritária até ao século XII, aquando da adoção definitiva da regra de São Bento nestas terras galegas e portuguesas.

“Desde que foi anexado ao reino visigodo, o noroeste não tem um grande protagonismo político, senão na cultura e na arte”

Relativamente à **arte**, destacam-se duas igrejas pequenas em tamanho, mas ambas muito interessantes: **Santa Comba de Bande**, a 50 km a sul de Ourense, e **São Frutuoso de Montélios** em Braga, agregada, no século XVII, ao convento de São Francisco da cidade. As duas igrejas apresentam elementos comuns, como a sua planta em cruz grega, de braços iguais (no século XVII acrescenta-se um pórtico e o campanário à de Bande, convertendo a sua planta numa cruz latina), espaços muito compartimentados e o uso do arco de ferradura. O estilo é mais complexo em São Frutuoso, com as séries de três arcos em ferradura que separam cada um dos quatro braços do cruzeiro. Estas características levam diversos investigadores a ligar estas obras com à arte bizantina.

Um terceiro exemplo de templos desta época é a **basílica de São Martinho de Dume** em Braga. Do mosteiro fundado pelo santo preservam-se as ruínas de parte do



Igreja de Santa María a Nai (Ourense) / 2,3. Igreja de São Frutuoso de Montélios (Braga)

edifício do templo, recentemente escavadas. A sua maior originalidade é a sua planta de cruz latina, com uma tripla abside semicircular na cabeceira, assemelhando-se aos templos de mártires do sul da Gália. Estas ruínas estão protegidas atualmente no **Centro Museológico de Dume**, onde está também exposto

o sarcófago para o qual tinham sido trasladados os restos mortais do santo. Este sepulcro data de um período posterior, provavelmente do século XI, mas é igualmente muito valioso pela sua decoração em baixo relevo, que o converte numa das mostras mais notáveis da escultura pré-românica.

Sabias que...

"A marca mais curiosa que Portugal conserva deste período suevo é algo tão quotidiano como o nome dos dias. Noutras línguas latinas e germânicas os dias mantêm o seu nome derivado dos deuses romanos: dia de Luna, de Marte, de Mercúrio, de Júpiter e de Vénus. Mas em português os dias da semana seguem o sistema implementado por Martinho de Dume, no qual o domingo é o primeiro dia e os seguintes contam-se pelo seu número, da segunda feira à sexta, seguindo-se o sábado."



(Guimarães)

A invasão muçulmana

Três séculos depois dos primeiros germânicos terem assentado na Península, ocorrerá outra alteração na história destas terras. No ano 711 começa a **invasão dos muçulmanos** que, nos anos anteriores, já haviam controlado o Magrebe. Aproveitando a crise interna do reino visigodo, a sua expansão para o norte será rapidíssima e praticamente sem encontrar oposição armada, nem sequer na sua capital, Toledo. O noroeste peninsular não foi exceção: no ano 714 as tropas muçulmanas chegam a Lugo. No entanto, a presença muçulmana na antiga Gallaecia foi escassa e pouco duradoura.

A Galiza e o norte de Portugal passam a ser uma “terra de ninguém”. O território nunca ficou despovoado, mas as antigas estruturas de poder parecem ter desaparecido e o reino que começava a articular-se nas Astúrias era ainda demasiado débil para as substituir.

Esta “terra de ninguém” continuará sem um domínio claro até inícios do século IX. Na década de 820 um acontecimento altera radicalmente a situação. Trata-se do achado por parte de Teodomiro, bispo de Iria, de um sumptuoso mausoléu, provavelmente parte de uma necrópole romana, que foi identificado como o sepulcro do apóstolo Santiago.

O achado foi aproveitado pelo rei asturiano, Afonso II, para subordinar essas terras à sua coroa. Promove um importante culto, com a construção de uma basílica, e o início das peregrinações.

Este feito é fundamental para a Galiza, já que após o mesmo se incorpora definitivamente à monarquia asturiana. Os reis continuarão o trabalho de **repovoação** em direção ao sul, chegando neste mesmo século IX, com Afonso III, ao Douro. No ano 878, Vimara Pérez, que dá nome a *Vimaranes*, Guimarães, chega até ao Porto. Só uma década mais tarde Coimbra cairá em mãos cristãs, por mão do conde Hermenegildo Guterres, ainda que por pouco tempo.

Simultaneamente, verificar-se-á um fenómeno em sentido contrário, a chegada de cristãos vindos de território muçulmano. Estes “moçárabes” serão muito influentes na vida religiosa dos reinos cristãos, fundando ou refundando inúmeros mosteiros. Entre eles, encontra-se Samos, a 15 km de Sarria. Além disso, trazem consigo o gosto por elementos da arte árabe, que rapidamente serão aplicados na construção de algumas igrejas.



A ameaça viking

No século IX chega por mar uma temível ameaça, os normandos, os **vikings**. Tinham uma clara superioridade naval com o seu barco característico, o *drakkar*, um absoluto prodígio para a navegação, já que permitia deslocações tanto por mar como por rio, sendo assim estável e muito manejável para rápidas incursões de pilhagem. Os vikings assolaram as vilas e aldeias das costas europeias da época e a Galiza não foi exceção.. As suas incursões sucediam-se, por vezes mais face ao interior, como sucedeu com Compostela, não tendo sido fácil articular uma resistência eficaz perante os seus ataques.

São precisamente os bispos de Iria, da qual dependia Compostela, os que mais interesse tinham na defesa, confrontando-os militarmente e erguendo torres defensivas. Entre estas estão as que o bispo Cresconio mandará construir anos depois, na saída natural de Santiago e Iria face ao mar, na foz do rio Ulla. Estas duas torres são as **Torres do Oeste**, em Catoira, local a que se pode aceder rapidamente desde Vilagarcía de Arousa.

Os vikings, com o temor que despertavam pela sua fama de ferozes, não foram a única ameaça que chegou ao noroeste peninsular. Na segunda metade do século X assiste-se também a uma intensificação da ameaça islâmica, aproveitando um dos muitos conflitos internos do reino de Leão. Os muçulmanos voltaram a ganhar terreno e as suas razias, rápidas campanhas de pilhagem, afetaram novamente uma boa parte da Galiza. No ano 997, as tropas de Almançor saqueavam Ourense e Compostela.



Torres do Oeste em Catoira (Vilagarcía de Arousa)



A arte pré-românica

Artisticamente, este período deixou interessantes edifícios religiosos. Outros, como a primeira **basílica compostelana**, foram destruídos nas sucessivas reconstruções posteriores e só se conhecem graças aos dados arqueológicos.

Esta basílica de Santiago, começada no ano 872 e reconstruída após o ataque de Almançor em 997, tinha planta basilical com a cabeceira retangular, enquadrando o sarcófago apostólico, três naves e pórtico aberto através de arcos, assim como elementos decorativos que a associavam claramente à arte asturiana.

Entre os templos que chegaram à atualidade, um dos mais interessantes desta arte pré-românica é **Santa María de Mixós** em Monterrei, a 3 km de Verín. Embora restaurado no século XVI, mantém intacta a sua cabeceira original, que permite saber como seria a sua estrutura. Tinha três naves, a central mais larga e mais alta, separadas por arcos, dos quais se conservam partes dos originais. Estas naves terminavam nos três absidiolos conservados, com uma configuração pouco frequente, com um arco de acesso em ferradura e cobertos por abóbodas de tijolo. Outra curiosidade é que a sua planta não corresponde entre o interior e o exterior: dentro do templo a sua forma é semicircular, mas isto não se vê na fachada exterior, onde tem um remate quadrangular e janelas rematadas em arco de ferradura. Nestes mesmos absidiolos chama a atenção a existência de outros elementos, como murais pintados

na parte central (tardo medievais) e duas aras romanas sustentando dois altares, testemunho da importante romanização desta zona.

Para terminar o percurso pela arte deste período, recomenda-se visitar três interessantes exemplos, num raio de 30 km a partir da cidade de Ourense:

-San Xes de Francelos (Ribadavia), com a sua característica gelosia e a decoração da sua fachada com baixo relevos pré-românicos.

-Santa Eufemia de Ambía (Xunqueira de Ambía), de configuração similar a Mixós na sua cabeceira, em que destacam as janelas geminadas.

-San Miguel de Celanova, uma joia da chamada arte moçárabe, única na Galiza. Trata-se de um oratório, uma capela minúscula mas de complexa



Ribeira Sacra (Ourense)

arquitetura. Foi mandada construir por San Rosendo, fundador do mosteiro e um dos homens mais ricos e poderosos da Galiza naquele momento, em honra do seu irmão Froila. É o único elemento que resta do mosteiro original, fundado no ano 936, e do qual atualmente se aprecia o edifício resultante da majestosa reforma barroca.

É nesta época que começa e se desenvolve outra forma de religiosidade, associada, neste caso, à morte: as **necrópoles rupestres**. São conjuntos mais ou menos amplos de sarcófagos escavados na rocha, muitas vezes definindo tumbas antropomorfas, nas quais o pedreiro

marcava o espaço para a cabeça e para o corpo. Surgem paralelamente ao grande desenvolvimento do monacato nesta época, em que dão os seus primeiros passos muito dos mosteiros de zonas tão interessantes como a **Ribeira Sacra** (visitável em Ourense ou Monforte de Lemos). É nela onde se encontram as **duas maiores necrópoles** conhecidas na Galiza, a de **San Pedro de Rocas**, em Esgos, e **San Vitor de Barxacova**, em Parada de Sil, ambas situadas numa impressionante envolvente natural e com um número de túmulos superior a meia centena.

REIS, BISPOS E MONGES: A IDADE MÉDIA





Introdução

A Idade Média é, sem dúvida, um dos períodos mais complexos da História, dez séculos de luzes e sombras, tempos de guerras e confrontos mas também de magníficas catedrais, grandes mosteiros e imponentes castelos.

É, ainda, o momento em que a história da Galiza e de Portugal, até agora unidas, começam a caminhar separadamente.

Para compreender por que se chegou a esta separação entre

Galiza e Portugal, a viagem deve começar com Afonso VI, rei de Leão, que, após vencer os seus irmãos Sancho e García, governou também em Castela e Galiza (que se estendia para sul até Coimbra). O seu reinado é conhecido, sobretudo, por duas circunstâncias: uma, a grande reforma religiosa que reestrutura mosteiros e paróquias; e outra, os contactos com França. São precisamente dois nobres franceses, de Borgonha, que chegam neste momento ao seu reino, Raimundo e Henrique, com os quais o rei casará as suas filhas Urraca e Teresa. Aos dois casais entrega-lhes o senhorio sobre a Galiza, ao primeiro, e sobre o Condado Portucalense, ao segundo, que apesar de dependerem do rei, terão uma grande autonomia nos seus territórios.

Na Galiza...

Os acontecimentos precipitam-se poucos anos mais tarde. Urraca, viúva de Raimundo de Borgonha, casa-se, por iniciativa do rei, apesar da oposição da aristocracia galega, com Afonso de Aragão. Este matrimónio dura pouco, dada a péssima relação entre eles, em que chegaram a declarar-se literalmente guerra. Os nobres, com o apoio de Diego Xelmírez, futuro arcebispo de Compostela, decidem proclamar rei Afonso VII, filho de Urraca, mas ainda uma criança. Enquanto não chegava o momento de poder subir ao trono, bispo e nobres oscilavam, em função dos seus interesses, entre favorecer Urraca ou combatê-la. A rainha concedeu generosas doações à catedral para conseguir o seu apoio: o arcebispado recebe o maior senhorio da Galiza do momento, que será continuamente ampliado pelos reis seguintes. À morte de Urraca, em 1126, Afonso VII é coroado rei.



Castelo de Santa Maria da Feira (Feira)

Entretanto, em Portugal...

No Condado Portucalense, com centro em Guimarães, a situação é mais tranquila e aproveita-se a debilidade galega para avançar posições. Dona Teresa concede, em 1122, ao bispo de Ourense o senhorio sobre a cidade e, pouco depois, funda o mosteiro de Montederramo na *Roboyra Sacrata*, bem distante das fronteiras. A aristocracia portucalense começou, no entanto, a retirar-lhe o seu apoio, receando a influência que poderia exercer o seu amante Fernando Pérez de Traba, membro de uma das famílias mais poderosas da Galiza e muito favorável ao futuro Afonso VII. Ao apoio a Afonso Henriques contra a sua mãe une-se a igreja, especialmente o arcebispo de Braga, D. Paio Mendes, e a nobreza, dentro da qual desempenham um papel de grande destaque as grandes casas do vale do Douro (caso dos Mendes da Maia, à qual pertencia também o próprio arcebispo), assim como a aristocracia do condado de Coimbra, o mais importante a sul do rio Douro.

É assim que no ano de 1128, na batalha de São Mamede, perto de Guimarães, as tropas de Afonso derrotam as de sua mãe, a condessa Teresa de Portugal. Desde este momento, Afonso é, na prática, governante de um Portugal independente, apesar de se proclamar rei apenas aquando da vitória frente aos muçulmanos em Ourique (1139). *Aqui nasceu Portugal*, como dizem orgulhosos em Guimarães.

Esta circunstância não apresentou um problema para o seu primo, Afonso VII, que se tinha proclamado como imperador, e que não se opôs de forma alguma à sua independência. Curiosamente, será o Papa quem mais irá demorar a fazê-lo, não reconhecendo Portugal como reino independente até 1179, no final do reinado de Afonso I de Portugal.



A catedral de Santiago de Compostela

Um dos **melhores exemplos da arte românica** na Galiza e na Península é a **catedral compostelana** e o maravilhoso conjunto escultórico que decora as suas portadas.

A Catedral é o coração da história da cidade de Santiago. O visitante tem a oportunidade de entrar numa catedral por onde passaram reis e arcebispos, onde ocorreram incêndios e batalhas, onde se aquartelaram soldados invasores e onde se ajoelharam milhões de homens e mulheres vindos de todas as partes do mundo.

Compostela foi ganhando peso como cidade, centro religioso e destino de peregrinações. Apesar da sede da diocese ter sido, até 1096, em *Iria Flavia* (Padrón), desde que se construiu a primeira basílica em torno do sepulcro apostólico, o verdadeiro centro de relevo foi Santiago. Com a riqueza económica das doações e a influência estética do românico, que chegava pela via das peregrinações desde França, as obras tiveram início em 1075, com o bispo Diego Peláez, procurando **construir um templo excecional e que espelhasse a relevância compostelana e o culto do apóstolo.** Tal é a sua envergadura, que a obra da catedral se prolongou mais de um século até à sua conclusão com a construção do Pórtico da Glória em 1188.

A grande figura para a história de Compostela e da catedral de Santiago é Diego Xelmírez, especialmente desde a sua ascensão a bispo no ano 1101. Hábil estratega, com excelentes relações com Roma e muito ambicioso, não hesitou em recorrer a todos os meios ao seu alcance para engrandecer a sua catedral.

As obras da catedral estariam suficientemente avançadas com o corpo da nave principal já construído, por volta de 1117. Mas neste ano surgiram contratempos, fruto da instabilidade política da época: uma revolta dos vizinhos da cidade, contra o seu senhor, o bispo, e a rainha, terminou com Dona Urraca humilhada e desnudada na praça, o bispo fugido e o seu palácio incendiado.



Catedral de Santiago de Compostela (Santiago de Compostela)

Com a revolta sufocada e com a aliança entre a rainha e o bispo chegarão novas concessões à catedral, que verá ampliado o seu senhorio até ser o maior da Galiza. Pouco depois, começará a receber também o “Voto de Santiago”, um tributo da décima parte do fruto colhido, que tinha de pagar-se ao bispo e cabido da catedral, em agradecimento pela ajuda que, se supõe, o apóstolo prestou aos cristãos na batalha de Clavijo. Esta renda, à que estavam sujeitos (contrariamente aos demais tributos) todos os estamentos sociais, foi sempre muito contestada. No entanto, continuou a ser paga até 1812, ampliando mesmo o território submetido ao seu tributo, o que se traduziu numa enorme receita para os cofres da catedral.

Com estas ajudas para as finanças da catedral, em 1160 começa-se a construção da fachada ocidental, já com o mestre Mateo à frente dos trabalhos. A construção desta portada não foi fácil devido ao desnível do próprio terreno: a atual praça do Obradoiro não existia e até ao século XVIII, em que se construiu a nova fachada e a escadaria desde a praça, a catedral não teve acesso por esta lateral, sendo as portas norte e sul as que davam acesso à catedral. Precisamente para ultrapassar este desnível e poder continuar a construção, Mateo decidiu apoiar este pórtico sobre uma estrutura artificial, uma cripta.

Sabias que...

“Diego Xelmírez chegou mesmo a ordenar o roubo das relíquias de São Frutuoso da Diocese de Braga para tentar desprestigiá-la como cabeça da Igreja no noroeste peninsular. Conseguiu que Santiago ascendesse a Arcebispado em 1120 sendo, precisamente, Xelmírez o seu primeiro arcebispo. Livrou-se assim da dependência de Braga, ainda que não pôde impedir que, como lhe correspondia por direitos históricos, esta fosse igualmente elevada a Arcebispado. De facto, foi da sede Bracarense, e não da de Compostela, da qual dependeram Lugo, Ourense e Tui desde este momento e durante quase três séculos até ao Cisma de Ocidente.”

O **Pórtico da Glória** destaca-se pelo **conjunto de esculturas** que o compõem, com um estilo muito depurado e evoluído, antecipando já a **arte gótica**, mais naturalista. Nas três arcadas do pórtico, em que cada uma delas se corresponde com as três naves da catedral, retrata-se a história da humanidade, desde Adão e Eva, como se descreve no Apocalipse de São João, com o inferno na parte inferior, o mundo terreno no meio e o celestial no alto, com Cristo e a representação dos profetas, emoldurados pelos anciãos do apocalipse tocando os seus instrumentos musicais. Todas estas esculturas sabem extrair da pedra uma representação muito natural, que rompe com a rigidez da arte anterior, do que é testemunho o conhecido sorriso do profeta Daniel.

Esta representação do Pórtico da Glória foi concebida para concluir a

narração das outras duas portadas. A porta norte, a de Acibechería ou de França, por ser por onde entravam tradicionalmente os peregrinos, mostrava, antes de ser destruída por um incêndio, cenas do Antigo Testamento, enquanto a porta sul, a de Praterías, representa cenas do Novo Testamento.

Estas três portadas aumentam ainda mais a atratividade da catedral, um espaço que por si só é impressionante pelas suas dimensões, 100 metros na sua nave maior, 70 nos seus braços, e pela sua estrutura em cruz latina com três naves e charola na cabeceira, como é habitual nas igrejas de peregrinação francesas.

Esta grande construção teve muita relevância e influência nas construções da época, tanto noutras catedrais, como nos múltiplos mosteiros e igrejas que são edificadas durante aqueles anos, fruto da reforma religiosa.



Pórtico da Glória (catedral de Santiago de Compostela)



Catedral de Ourense (Ourense)

As Sés Catedrais, escaparates do estilo românico

As sedes catedralícias estão todas ligadas ao estilo românico. A **Sé de Braga** é a que mais se separa do seu projeto original e apenas conserva elementos desta época, salvo parte do seu acesso ocidental. A **Catedral de Ourense**, na sua configuração exterior, é a mais fiel ao românico, ainda que o gótico tenha estado bem presente na sua construção. Segue um modelo muito semelhante ao de Compostela, com uma influência muito evidente na sua portada ocidental, o Pórtico do Paraíso, muito similar ao Pórtico da Glória compostelano, apesar de aquele conservar ainda a sua policromia



Pórtico do Paraíso (catedral de Ourense)



Sé de Braga (Braga)

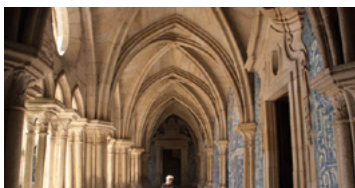
Esta mesma transição entre românico e gótico é palpável em certos elementos da **Sé do Porto**, como os arcobotantes utilizados para a abóbada da nave central, apesar das grandes reformas barrocas terem modificado a sua aparência exterior. Também a **Catedral de Lugo** viu os seus exteriores modificados ao longo dos séculos, com a introdução de elementos góticos (as absides da cabeceira e o pórtico norte), barrocos (o claustro) ou mesmo neoclássicos, como a sua fachada principal. As duas catedrais portuguesas são Monumento Nacional, a de Ourense é Bem de Interesse Cultural e a de Lugo junta a esta distinção integrar também a lista de Património da Humanidade da UNESCO, a par com os caminhos de Santiago Primitivo e do Norte.



1. Capela da Virgem dos Olhos Grandes (catedral de Lugo)



2. Sé do Porto (Porto)



3. Claustro da Sé do Porto (Porto)



San Paio de Diamondi (Monforte de Lemos)

A arte românica através dos mosteiros

Os **mosteiros** são um **elemento fundamental de difusão do românico**. A criação ou refundação dos mesmos estará profundamente relacionada com a reforma religiosa de Afonso VI, por ser neste momento que o monacato beneditino assenta definitivamente nos reinos ocidentais peninsulares o monacato beneditino, já estabelecido na Catalunha, bem como no resto da Europa. De facto, chegará tão tarde ao noroeste peninsular, já no século XII, que quase coincide no tempo com a chegada dos monges cistercienses, com base igualmente na regra de São Bento, mas renovadores dos anteriores.

Ambas as ordens terão uma grande implementação na Galiza e em Portugal. O seu sucesso e a sua gestão económica, especialmente no caso dos cistercienses, com o seu sistema de granjas, terão como consequência a prática do **cultivo de novas terras**, o que é especialmente relevante num produto, o **vinho**. Já cultivado desde a época romana, a sua **grande difusão** e generalização ocorre agora, na **Idade Média**.

Este capítulo da história oferece uma excelente oportunidade de combinar uma experiência vinícola com toda a sua envolvimento de povoados e paisagens. Os **lagares rupestres** são estruturas escavadas na rocha entre as próprias vinhas, onde, conforme os casos, se pisava ou se prensava a uva para obter o vinho, antes de se difundirem as adegas nas casas. Destes lagares, de datação

medieval, conserva-se uma **grande concentração em zonas de tradição vitivinícola**, tanto no sul **galego** como no norte de **Portugal**. Um exemplo é **Viana do Castelo**, onde na margem sul do Lima se conhecem três lagares: Castelo do Neiva, Subportela e Vila Franca.

A área de maior concentração é o **vale do Tâmega**. No lado português, destacam-se exemplos em **Chaves**, com os conjuntos de **lagares de Outeiro Seco e Santo Estevão**, e o seu limítrofe **Valpaços**. Na **Galiza**, existe uma rota unindo os mais relevantes de entre os cerca de quarenta, que foram catalogados nos concelhos de **Verín, Monterrei, Oímbra e Cualedro**.

Esta bonança económica fará com que muitos destes mosteiros construam, dentro do estilo românico, excelentes

edifícios e igrejas, com interessantes exemplos que se preservaram até aos nossos dias. O mesmo sucede com abundantes igrejas paroquiais datadas da mesma época.

Efetivamente, o românico é um estilo que teve uma enorme difusão por todo o território, adaptando-se a meios muito diferentes. Na **ria de Ferrol, em Narón**, destaca-se a **igreja do mosteiro de San Martiño de Xubia**, também chamado Mosteiro do Couto, um dos poucos prioratos galegos dependentes diretamente da abadia francesa de Cluny. No limite sul do Eixo Atlântico, e muito tardia na sua cronologia, encontramos a **igreja de Rio Meão, em Santa Maria da Feira**. Por outro lado, nas terras de **O Barco de Valdeorras**, situa-se a **igreja do mosteiro de San Miguel de Xagoaza**, pertencente à ordem de São João de Jerusalém.

Uma das igrejas de maior destaque pela sua singularidade, tanto pela sua

técnica como pelo seu estilo, é a de **Castro de Avelãs, em Bragança**, o único exemplo em Portugal do românico de influência moçárabe. Da igreja do antigo mosteiro conserva-se a tripla cabeceira, em ladrilho – diferente das demais, quase sempre granito – e com arcos cegos sobrepostos, com três alturas nos absidiolos laterais e quatro na central.

Nas terras montanhosas do centro da **Galiza**, nas comarcas de Deza ou Tabeirós, encontram-se interessantes **igrejas e mosteiros**. Tomando como ponto de partida **Lalín**, destacam-se aí algumas das suas igrejas paroquiais, como **Lalín de Arriba**, no próprio núcleo urbano, ou **Goiás**, a uns escassos 5 km. Daí prossegue o percurso para outras em seu redor, todas elas templos de antigos mosteiros. Em Dozón, a 15 km para Sul, localiza-se a **igreja do mosteiro feminino de San Pedro de Vilanova**. Em Silleda, a 20 km para Norte, há outros dois bons exemplos:



1. San Miguel de Eiré (Ferreira de Pantón, Lugo)/ 2. Igreja de Castro de Avelãs (Bragança)
3. San Miguel de Xagoaza (O Barco de Valdeorras)



1. Mosteiro de San Vincenzo de Pombeiro (Monforte de Lemos) / 2. Mosteiro do Couto (Narón)

San Pedro de Ansemil, com três naves e a sua curiosa capela gótica anexa e, sobretudo, uma joia como **San Lourenzo de Carboeiro**, um excelente exemplo do românico tardio, já muito influenciado pelo gótico, e com grandes similitudes com as técnicas da catedral de Santiago, como se vê na cripta que sustenta a cabeceira com charola com os seus arcos apontados.

Para quem se dirige de **Ourense a Monforte**, em vez de seguir pela estrada nacional, aconselha-se que faça o percurso pelas estradas locais pelas **margens do Sil**. Assim poderá conhecer uma das **maiores concentrações de arte românica do noroeste**, a chamada **Ribeira Sacra**. Aí encontrará, apenas para enumerar alguns, mosteiros como **Santo Estevo de Ribas de Sil** (Nogueira de Ramuín) e Santa Cristina de Ribas de Sil (Parada de Sil), no lado de Ourense, ou, no de Lugo, **San Vincenzo de Pombeiro** e as igrejas dos antigos mosteiros femininos de **San Fiz de Cangas** e **San Miguel de Eiré** (Ferreira de Pantón), assim como **Santo Estevo de Atán**, neste mesmo concelho, ou **Santo Estevo de Ribas de Miño** e **San Paio de Diomondi**, em O Saviñao. Compõem um conjunto monumental de primeira ordem numa **paisagem não menos**



1. Mosteiro de São Pedro de Cête (Paredes)

2. Claustro de São Pedro de Cête (Paredes)



3. Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel)

espetacular aberto às ribeiras dos rios Sil e Miño.

Em **Portugal**, um percurso interessante é a **Rota do Românico do Vale de Sousa**, iniciativa ligada a uma aposta pelo turismo cultural e patrimonial pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC) e por diversas câmaras municipais da região, entre elas Paredes e Penafiel, à qual se juntaram desde 2010 outras localidades do vale do Tâmega. Entre os **58 monumentos medievais** que integram a rota (igrejas, torres e outros) podemos destacar a **igreja do mosteiro de São Pedro de Cete em Paredes**. Foi construída num românico tardio, que apresenta adições góticas como a torre da fachada ou o seu claustro. Também cabe mencionar o conjunto do **mosteiro de Paço de Sousa**, em Penafiel, com a sua grande igreja em três naves, portada abobada com quintupla arcada e uma belíssima roseta, construída igualmente nos últimos momentos do românico. À margem da arquitetura religiosa,

também se podem visitar, nesta mesma rota, **construções de tipo militar**, como o **castelo de Aguiar de Sousa** em Paredes, construído para a defesa da fronteira do Douro, já no século X e posteriormente muito reformado, conservando-se atualmente a sua torre.

Fora desta rota turística, mas muito próxima, cabe destacar a igreja de **Santa Maria de Águas Santas**, também conhecida como **Nossa Senhora do Ó**, na **Maia**, reconhecida como Monumento Nacional desde 1910. É herdeira de um templo anterior e tem a peculiaridade das suas duas naves serem diferentes entre si. Só em 1874 se decidiu construir a terceira nave, a do lateral sul, terminando com a assimetria que, até então, apresentava a fachada do templo.

Existem duas excelentes mostras de construções desta época com funcionalidade civil, tanto residencial como pública. É o caso de um dos emblemas da cidade de **Bragança**,

a **Domus Municipalis**, situada muito próxima do castelo da cidade. Trata-se de uma construção de planta pentagonal em duas alturas, a inferior, uma cisterna de água, e a superior, uma sala aberta em arquearia perimetral, na qual se reuniram em conselho os representantes da cidade, daí o seu nome, “casa do município”. O outro edifício a destacar é um dos mais simbólicos da cidade de **Ourense** que ocupa o centro da cidade antiga: o antigo **palácio episcopal**, atualmente sede do **Museu Arqueológico**.

Apesar das diversas ampliações, góticas e especialmente barrocas, o envolverem por completo, conserva-se ainda íntegro e praticamente inalterado o edifício original de 1131, composto por dois pisos e duas alas abertas para um claustro. A sua primeira grande reforma, ainda no século XII, consistiu numa cave na qual o bispo podia armazenar as rendas em espécie que os habitantes do território, de que era senhor, tinham de pagar: cereal e, especialmente, vinho.

Sabias que...

“Os primeiros reis portugueses não hesitaram em defrontar os bispos, pelo que chegaram a ser excomungados por isso. Quando o rei Sancho II reclamou o senhorio sobre o Porto, nas mãos do bispo desde a doação de Dona Teresa, a consequência não só foi a excomunhão, como chegou mesmo a ser afastado do trono por ordem do Papa. Afonso III, seu sucessor, virá a devolver à igreja os seus privilégios, o que não impediu que também ele fosse excomungado (e só no leito da sua morte lhe foi retirado o castigo), porque os bispos do Porto, Coimbra e Braga, se queixavam de que o rei tinha favorecido os concelhos face ao senhorio eclesiástico. Mostra disto mesmo é a Carta Foral que o rei concede a Gaia em 1255 (a de Vila Nova, estando ainda as duas localidades separadas, terá de esperar até 1288, com D. Dinis).”



Domus Municipalis (Bragança)

Enquanto as figuras mais poderosas da Galiza da época são os grandes mosteiros e os bispos, com as suas importantes possessões e senhorios, em Portugal o contexto é diferente, já que os reis tenderão a tentar limitar o poder eclesiástico.

Mostra deste desejo em manter a força da realza em Portugal foi a implementação das inquirições, um sistema de controlo sobre os senhorios que procurava averiguar em que privilégios se baseavam as concessões e, assim, saber se estavam a usurpar terras que deveriam pertencer ao próprio rei.

“Além destas tentativas régias, o grande foco de conflito proveio dos próprios cidadãos e seus concelhos”

Nas cidades galegas, a maior instabilidade que os bispos enfrentaram não veio, como em Portugal, por parte do rei. No entanto, os monarcas fundaram, especialmente ao longo da segunda metade do século XII e primeira do XIII, várias vilas para tentar aplacar o grande poder dos senhores religiosos, caso de Monforte em 1199 e Sarria, em 1228. O processo nem sempre foi fácil, como o atesta o exemplo de Monterrei: o rei Afonso IX teve que ceder da sua pretensão de criar a vila régia, dada a pressão do riquíssimo mosteiro de Celanova, que tinha fundado Verín em 1183, mas o mesmo não sucederá com o seu neto Afonso X, que conseguirá o seu objetivo um século mais tarde. Nas vilas costeiras também não chegaram aos resultados desejados, porquanto o todo-poderoso arcebispo compostelano conseguiu valer-se dos

direitos sobre elas, como é o caso de Pontevedra, fundada em 1169. Só em A Coruña, ainda que pagando uma renda ao arcebispado, se pôde estabelecer um grande porto real, com forais em 1208 e 1210, seguida por Ferrol no final do século.

Além destas tentativas régias, o grande foco de conflito proveio dos próprios cidadãos e seus concelhos, que tentaram repetidamente livrar-se do senhorio dos seus bispos para passar a depender da realza. Tanto em Lugo como em Ourense e Santiago, as cidades conseguiram que assim fosse, mas sempre por pouco tempo: em suma, as componendas de poder chegavam a um acordo entre monarca e bispos que devolviam as cidades ao seu antigo senhor religioso.

Mas os conflitos existiram e nem sempre foram brandos: no caso de Compostela o cenário será o castelo da Rocha Forte, propriedade da catedral que controlava a saída da cidade até à costa e seus portos. Em 1309, o concelho negou-se a aceitar Berenguel de Landoira como arcebispo. Após vários meses sem poder entrar na cidade, este aproveitou a chegada de emissários do concelho como negociadores para os emboscar e matá-los, podendo ficar novamente com o senhorio de Compostela. Em Ourense, sucede o caso contrário um século mais tarde. Em 1421, uma rebelião popular terminou com a morte do bispo Francisco Afonso, afogado no Minho.

Em outras ocasiões, por mais curioso que pareça, o maior desafio à autoridade dos bispos veio por parte de outras instituições religiosas. Exemplo disto foram as **ordens mendicantes** (dominicanos, franciscanos e a ordem feminina

destes, as clarissas), que se foram estabelecendo nas distintas cidades galegas e portuguesas desde começos do século XIII. Ao contrário das outras ordens monásticas, beneditinos e cistercienses, os mendicantes preferiam estabelecer-se em cidades, estando muito orientados para a predicação. O seu auge e poder de

atração entre as gentes granjearam grandes rivalidades por parte de igrejas paroquiais e bispos, que viam nos mendicantes uma inesperada concorrência. Estes confrontos, especialmente com os frades franciscanos, chegaram a ter episódios verdadeiramente intensos.

Sabias que...

“A primeira cidade em que os mendicantes se fixaram foi Compostela, em 1215, e foi também onde se produziram os primeiros protestos. Os sacerdotes da catedral queixam-se ao papa de que as prédicas dos frades esvaziam a igreja. Em 1254, o Papa sentencia que aqueles não podem predicar nos horários das missas ou dias festivos para a catedral. No Porto, as reticências aconteceram mesmo antes da sua fixação definitiva. Em 1233, tinham recebido uns terrenos para construir o seu convento, mas as querelas contínuas com o bispo farão com que até 1244, mediante sentença papal, não o possam fazer. O caso mais grave aconteceu em finais do século XIII, em Ourense: noutro momento de revolta da cidade frente ao seu senhor, o bispo, as milícias episcopais, acusando os frades de acolher os rebeldes, assaltam e incendeiam o convento. Feito que faz com que tanto o bispo como o clero da cidade sejam excomungados e obrigados a reconstruir o edifício, agora ladeira acima nas redondezas da cidade.”



Estátua do rei Afonso IX (Sarria)



Arquitetura gótica

A chegada dos **mendicantes pressupôs a introdução definitiva do gótico**, um novo estilo arquitetónico, que tinha dado os seus primeiros passos nos mosteiros cistercienses e através do Caminho de Santiago. Apesar de nem na Galiza nem em Portugal ter chegado a ter uma presença tão generalizada como o românico, existem bons exemplos e conjuntos deste estilo.

Destacam-se especialmente os **conventos e igrejas das ordens mendicantes**, tendo sido estas as que ajudaram a sua difusão em todo o seu esplendor. É o caso de **San Francisco de Ourense**, com o seu claustro de riquíssima decoração, em 63 arcos com colunas duplas, em que cada um dos seus capiteis é diferente dos demais; **San Francisco em Lugo**, cujas dependências albergam atualmente uma **parte do Museu Provincial**; **San Domingos de Bonaval** em Santiago de Compostela, com uma igreja de três naves, diferente da habitual estrutura com apenas uma; **São Domingos de Vila Real**, atual sé catedral da cidade; ou **Santa Clara e São Francisco no Porto**, muito modificados no seu interior pela sua riquíssima reforma barroca.

Especial pela relevância do conjunto é **Pontevedra**, onde se reúnem conventos das três famílias: **dominicanos, franciscanos e clarissas**. A riqueza desta cidade provinha especialmente da sua atividade portuária, ligada ao comércio de vinho e salgas, incrementada desde 1467, com a criação, pelo rei Enrique IV, de uma feira franca de 30 dias de duração. Isto explica o crescimento demográfico, que obrigou mesmo a que as suas muralhas fossem sucessivamente ampliadas, e a fundação dos três conventos. Do de **Santo Domingo**, atualmente parte do **Museu Arqueológico de Pontevedra**, só

se conservam as interessantíssimas ruínas da cabeceira da igreja, com os seus cinco absidiolos, salvos do processo de demolição na década de 1870, momento em que também se demoliram as torres arcebispaís do século XIII, símbolo do poder eclesiástico sobre a cidade. No entanto, mantêm-se as igrejas dos franciscanos e das clarissas.

Existe também um bom número de **igrejas** construídas neste novo estilo, especialmente em vilas e cidades da **franja costeira**. É o caso da **igreja de Santiago em A Coruña**. Próximo, a uns escassos 20 km, destaca-se o



1. Sé São Domingos (Vila Real) / 2,3. San Francisco de Ourense (Ourense)

conjunto urbano de Betanzos, bons exemplares desta época. Também vale a pena a deslocação a Noia, a 30 km a Oeste de Santiago, para visitar as **igrejas** de **San Martiño** e **Santa María a Nova**. Em **Pontevedra**, situa-se **Santa María a Maior**, financiada pelo grémio mais influente da cidade, o dos marinheiros. Apesar da influência renascentista começar já a ser evidente, especialmente na sua fachada (até porque a sua construção inicia-se já em inícios do século XVI), o conjunto da sua arquitetura é ainda marcada pela tradição gótica.

Afastada do litoral, a 15 km de Verín, situa-se uma igreja rural deste mesmo estilo: **Retorta**, em Laza. Muito próxima desta, no primeiro recinto amuralhado de Monterrei e junto à torre, encontra-se a **igreja de Santa María de Gracia**.

Em **Portugal**, o novo estilo teve uma **difusão significativa**, com mostras

muito interessantes. Entre elas, a **igreja matriz**, agora catedral, de **Viana do Castelo**, construída entre 1400 e 1433, com estrutura em três naves e uma portada muito ornamentada, ladeada por duas torres. Outro exemplo é a **igreja do mosteiro de Leça do Balio** em **Matosinhos**, herança de uma congregação anterior de raízes visigóticas. Reconstruída na década de 1330, representa um interessante exemplo de arquitetura religiosa fortificada, cuja torre ameada de tradição românica não é alheia ao facto de ter pertencido à Ordem de São João de Jerusalém, comunidade à qual foi entregue nos inícios do século XII, por Dona Teresa, e que teve aqui a sua primeira residência em Portugal.

São de destacar os **núcleos urbanos de Barcelos e Guimarães**, bem como as importantes obras de acondicionamento da cidade do Porto.



1. Igreja matriz (Viana do Castelo)

2. Igreja de Leça do Balio (Matosinhos)

3. Igreja Matriz (Barcelos)

No caso de Barcelos, o percurso pode começar pela colegiada. Trata-se de uma construção do século XIII com uma fachada principal ainda românica, mas apontando traça gótica no seu interior dividido em três naves com arcadas apontadas. A sul desta igreja, em direção ao rio, encontram-se as ruínas do **antigo palácio dos condes de Barcelos**, condado criado em 1298 pelo rei Dinis, o primeiro concedido após a independência portuguesa. O palácio foi construído em princípios do século XV por Afonso, filho bastardo de João I de Portugal, oitavo conde de Barcelos e primeiro duque de Bragança. À época foi pensado como um misto de palácio e castelo, do qual já não resta a torre, conservando-se unicamente a ruína da parte residencial, com uma das suas características chaminés, como resultado dos danos provocados pelo terramoto de 1755 e abandono posterior.



Ponte medieval sobre o Cávado (Barcelos)

Chegou a decidir-se pela demolição das ruínas, o que nunca aconteceu. Atualmente **albergam um museu arqueológico ao ar livre** que, entre outras peças, inclui a **Cruz do Galo**, em que se narra o célebre episódio do galo ressuscitado que deu origem ao característico símbolo da cidade ou até mesmo de Portugal. O **pelourinho** situado entre a igreja e o palácio, de fuste hexagonal, data de finais do século XV. O último edifício deste espaço, quase em frente à colegiada, é o **Solar dos Pinheiros**, também gótico, com a sua fachada enquadrada por duas torres. O conjunto completa-se com a **ponte medieval** sobre o Cávado, construída em 1320, que permitia a passagem para o recinto amuralhado, do qual hoje em dia subsiste a **Torre da Porta Nova** com o seu correspondente acesso.

Estas mesmas necessidades defensivas levaram à construção da **muralha Fernandina no Porto**, assim chamada por ter sido concluída sob o mandato do rei Fernando. A antiga cerca, da qual resta um pequeno trecho junto à cabeceira da catedral, era insuficiente para proteger uma população crescente, o que motivou a construção da nova, que abrangia uma superfície consideravelmente maior. Apesar de boa parte ter sido demolida no século XIX, conservam-se ainda alguns trechos e torres, bem como um dos postigos, o **postigo do Carvão na Ribeira**. Também de estilo gótico era a **antiga Casa da Câmara**, ao lado da catedral e adossada à antiga muralha. Deste edifício, no qual se reuniam os representantes dos 24 ofícios da cidade, conservam-se as fundações, sobre as quais se ergueu uma construção contemporânea que funciona como miradouro urbano.



Torre da Porta Nova (Barcelos)

Guimarães conta com um interessante **edifício civil gótico**, os antigos **paços do concelho**, com os soporais em arco apontado que ligam as praças de São Tiago e da Oliveira. Também dispõe de notáveis **construções religiosas** neste estilo, em especial a **igreja de Santa Maria da Oliveira**, com a sua peculiar portada com um arco-retábulo sobreposto a outro igual, em que se abre o acesso. Edificada no solar do antigo mosteiro, foi fundada por Mumadona Dias, que deu origem à cidade. Nesta mesma praça, encontra-se o **padrão do Salado**, templo gótico comemorativo desta batalha na qual participaram tropas do rei Afonso IV de Portugal. Os **conventos de São Francisco e São Domingos** encontram-se, como é habitual, fora das muralhas da cidade e ambos tiveram de ser trasladados para a ampliação da mesma e reconstruídos por volta do ano 1400, ainda que ambos tenham sofrido importantes modificações na época moderna. Também dos inícios do século XV é o **palácio ducal**, nas imediações do

castelo. À semelhança do **palácio de Barcelos**, foi mandado construir por um dos homens mais ricos de Portugal do momento, o primeiro duque de Bragança, D. Afonso. De inspiração francesa, possui quatro torres e os muros entre elas encerram um claustro gótico. O edifício, embora majestoso, ficou praticamente abandonado quando os duques mudaram a sua residência para o palácio alentejano de Vila Viçosa. Reabilitado desde 1933 como residência oficial para o governo português, parte do seu interior é visitável e nas suas coleções destacam-se valiosas tapeçarias.

Não se pode esquecer a **capela de San Juan da Catedral de Ourense**, o melhor exemplo do gótico flamejante galego. Foi construída em finais do século XV, após os combates pelo domínio da cidade entre o conde de Lemos e o de Benavente que, derrotado, teve de levar a cabo a restauração dos estragos na fachada norte da catedral.



Igreja de Santa Maria Nossa Senhora da Oliveira (Guimarães)



Castelo e Palácio dos Duques de Bragança



Envolvente Castelo de Monterrei (Verín, Monterrei)

Castelos e fortalezas

São também muitos os castelos que se veem modificados nesta época, fruto da **adaptação ao uso residencial**. O exemplo mais claro é o **castelo de Santa Maria da Feira**. Fundado para proteger a fronteira a sul do Douro frente às tropas muçulmanas em tempos da Reconquista, viu crescer consideravelmente a população a seus pés, onde já se realizava uma feira em 1117 a feira que lhe emprestou o nome. Com a perda da sua condição defensiva é reformado em 1448, para ser adaptado à função palaciana, residencial, incluindo muitos elementos da arquitetura gótica que lhe dão a sua característica imagem. Foi declarado *Monumento Nacional* em 1910.

Vários destes castelos nasceram como **guarnição das fronteiras** após a independência portuguesa, como é o caso dos de **Chaves e Monterrei**, junto a Verín, ou o de **Bragança**, localidade que recebeu o seu foral do rei Sancho I, em 1187, e em cuja cidadela se encontra a **torre de Menagem**, uma elegante construção gótica de 33 m de altura.



Castelo de Santa Maria da Feira (Santa Maria da Feira)



Castelo de Bragança (Bragança)

Outros funcionarão como **defesa e vigilância de rotas estratégicas** (como o castelo de Sarria, sobre o Caminho de Santiago) ou a passagem sobre rios. Assim sucede em **Mirandela**, como atesta a sua monumental ponte sobre o Tua, e em **O Barco**, com **a torre de O Castro** vigiando o lugar onde se situava a antiga barca de passagem sobre o Sil, em volta da qual se acabará por desenvolver a nova vila.

Além da função defensiva e estratégica, **os castelos em mãos aristocratas** assumem uma componente simbólica, **para mostrar o poder do senhor**. Assim sucede no **castelo de Monforte de Lemos**, que conserva o seu recinto apalaçado, a

par da imponente torre de menagem de 30 metros de altura e outras duas torres, bem como alguns trechos da muralha do perímetro medieval, época em que constituía uma verdadeira vila-fortaleza no sopé da colina. O mesmo se aplica ao de **Monterrei**, em que após a criação do condado, a antiga **torre de menagem**, a das Damas, é adossada ao palácio condal com as suas características arquearias.

Estas reformas falam claramente da relevância dos senhorios, cuja jurisdição se exerce a partir destes castelos: os condados de **Monterrei e de Lemos**, este último sem dúvida um dos mais poderosos de toda a Galiza medieval e moderna.



Castelo San Vicente do Pino (Monforte de Lemos)



Porta do Sto Atonio do Castelo(Mirandela)



Ponte sobre o Tua (Mirandela)

A política em finais da Idade Média: jogo de tronos

A nobreza foi ganhando relevância com o avançar dos anos. No século XIV e, sobretudo, no XV, os vários reis castelhanos acabaram por conceder grandes privilégios a estes aristocratas, em quem apoiavam boa parte do seu poder. Face à debilidade dos reis castelhanos, a Casa de Avis é especialmente forte em Portugal. Guerras, alianças e novas dinastias protagonizam um jogo de poder em que a Galiza chegou mesmo a estar, por dois anos, sob o rei português.

Em 1351 sobe ao trono de Castela Pedro I. O seu meio-irmão Enrique proclama-se igualmente rei, após ser reconhecido por boa parte da nobreza castelhana, chegando a contar com o apoio de França. A aristocracia galega – exceto o arcebispo compostelano, que será assassinado – pelo contrário, era favorável ao rei Pedro, que procura apoios internacionais em Portugal e Inglaterra. Não obstante as várias batalhas favoráveis a Pedro, as cidades castelhanas resistem a aceitá-lo como rei, que a caminho de Toledo, o seu meio-irmão Enrique partiu ao seu encontro, matando-o em combate. Estamos em 1369: Enrique II de Trastámara será desde este momento o novo monarca, mas nem todo o reino aceitou a sua autoridade. Foi assim com a maior parte da Galiza, que aclamou como rei Fernando I de Portugal. Assim se manteve até 1371, ano em que uma ofensiva de

Enrique em território português obriga Fernando a retroceder e a abandonar a Galiza, que fica definitivamente sob o domínio do rei castelhano.

“O mais interessante do tratado de paz firmado é que estabelece a união dos herdeiros dos dois reinos, Castela e Portugal”

Uma década mais tarde será criada uma aliança entre ingleses e portugueses, gorada por uma campanha militar de Juan I, novo rei de Castela. O mais interessante do tratado de paz firmado é que estabelece a união dos herdeiros dos dois reinos, Castela e Portugal. Pouco tardará em abrir-se a luta pela sua sucessão: à morte do rei Fernando I, a rainha viúva defendia a sua filha Beatriz que, segundo o acordo, teria



de casar-se com o próprio rei Juan I de Castela, eventualidade que não agradava nada à aristocracia portuguesa. Embora vença vários combates em Portugal, Juan de Castela terá de confrontar-se com João de Avis (filho ilegítimo de Pedro I e chamado assim por ser mestre da ordem militar de Avis), que tinha sido proclamado rei pelas Cortes. Nesta batalha, que terá lugar em Aljubarrota (Leiria) em 1385, as tropas portuguesas vencerão de forma esmagadora as castelhanas, garantindo que Portugal continue a ser reino independente.

Com a derrota castelhana, abre-se um capítulo que marcará as futuras alianças internacionais portuguesas. João de Gante, filho do rei inglês e genro de Pedro de Castela, reclama o trono castelhano. Chega à Corunha em 1386 e, com algum apoio na Galiza, instala a sua corte temporariamente em Ourense. Não alcança as suas

aspirações ao trono mas, uma vez em Portugal, onde chega com as suas tropas reduzidas por um surto de peste, a sua filha Filipa de Lencastre casará com o rei português. Este matrimónio tinha sido acordado no Tratado de Windsor que selava, além disso, um acordo comercial entre Inglaterra e Portugal, em que assentava boa parte da atividade dos armazéns ingleses no Porto, de onde se exportava a grande produção vinícola do Douro.

Para Portugal começa assim um período de estabilidade política e prosperidade económica. Uma das consequências será a série de expedições marítimas, em boa medida comandadas por Henrique o Navegador, filho dos reis. É neste momento quando, segundo parece, se descobre o arquipélago dos Açores e se inicia a navegação face ao sul pela costa africana.

Sabias que...

"Uma das peças fundamentais desta expansão marítima foi Ceuta, conquistada por Portugal em 1415 e que continuará a ser cidade portuguesa até dois séculos mais tarde. Esta conquista estará relacionada com um curioso episódio a norte, no Porto: segundo a tradição, o rei terá pedido aos habitantes da cidade que entregassem todos os seus víveres à frota naval que partia à conquista de Ceuta. Para os portuenses apenas ficaram os despojos das reses, incluindo as tripas, com as que tiveram de alimentar-se na cidade, surgindo assim não só uma das mais típicas receitas da gastronomia local, como também o nome de 'tripeiros' com que são conhecidos ainda hoje os habitantes do Porto."



Torre Fortaleza (Sarria)

Os Irmandinhos

Com o grande poder que os aristocratas galegos tinham vindo a acumular, nos finais da Idade Média ocorrem alguns dos mais conhecidos abusos por parte destes senhores laicos. Entre os mais conhecidos estão os derivados do **padroado**, proteção que os aristocratas “ofereciam” a mosteiros e igrejas, autoproclamando-se seus defensores, para na prática tomar os seus bens e rendas de forma completamente impune. Pese embora as suas reiteradas queixas ante os monarcas, débeis como estes eram, não podiam controlar os seus abusos. Certo é que muitos dos mosteiros pouco ou nada tinham do esplendor de outras épocas: nos documentos da época é muito frequente ver testemunhos de como abades e monges delapidavam os bens dos seus mosteiros, não rezavam e tinham amantes e barregãs vivendo com eles. Vida dissoluta à qual as monjas também não resistiam. Ainda assim, é de imaginar que o povo simples haveria de sofrer abusos ainda piores dada a sua maior indefesa.

Era o ambiente propício para que se **insurgissem contra os grandes senhores. É a revolta Irmandinha**, que teve lugar entre os anos 1466 e 1469. A sua grande motivação era fazer justiça e combater os evidentes abusos dos grandes senhores, que tinham substituído a antiga aristocracia galega após a subida ao trono de Enrique II. A alta aristocracia foi o seu principal objetivo, tanto a laica como a religiosa, já que os bispos, como o de Ourense, e especialmente o arcebispo de Santiago, atuavam como os grandes senhores que eram. Na revolta participaram os sectores sociais mais diversos, não só camponeses ou pequenos burgueses,

mas também contaram com o apoio de parte da igreja e o próprio cabido compostelano chegou a ajudá-la economicamente.

A atuação dos Irmandinhos foi organizada e não espontânea, tentando seguir um critério baseado em “fazer justiça” em nome do rei Enrique IV. As ações mais numerosas passaram por **derrubar o elemento mais visível e simbólico do poder dos senhores, os seus castelos**. Cerca de 130 foram derrubados na Galiza, pelo que muitos dos seus proprietários decidiram refugiar-se em Portugal à espera de tempos melhores.



A mudança de sorte para os Irmandinhos começará em 1468, quando o monarca firma um pacto pacificador com a nobreza. Os nobres afetados pela revolta, comandados por Pedro Madruga, reorganizam-se abandonando os contínuos confrontos entre eles para combater o inimigo

comum. Regressam de Portugal e recebem o apoio do arcebispo compostelano Diego Fonseca e suas tropas, com o que vencem os Irmandinhos definitivamente em 1474. Muitos dos castelos tiveram de ser de novo construídos, em represália, pelo mesmo povo que os tinha derrubado.

Sabias que...

“Entre os castelos derrubados naquele momento estão o Rocha Forte em Santiago mas também fortalezas do bispo de Ourense, tanto o Castelo Ramiro nos arredores da cidade como parte do seu próprio palácio. Efetivamente, o enorme edifício atual era ainda maior até esse momento, rodeado por um conjunto de baluartes (como mostra o nome pelo qual aparece mencionado na documentação medieval: os paços, torres e curral do bispo), dos quais, vários foram derrubados pelos Irmandinhos.”

O TEMPO DOS MODERNOS





Introdução

A Idade Moderna é um momento de profundas mudanças e transformações sociais e culturais que explicam a passagem do Antigo Regime para o mundo contemporâneo. É um processo

lento e que não ocorre em simultâneo em todo o mundo. Acontecimentos que marcam o início dos tempos modernos são a tomada de Constantinopla pelos turcos, a invenção da imprensa, uma burocratização da sociedade ou o surgimento de novos ideais.

No território da euro-região da Galiza e Norte de Portugal pode contemplar-se o esplendor do Barroco, um dos estilos artísticos que mais e melhores exemplos deixou. Também se pode apreciar a riqueza arquitetónica dos inúmeros paços que se conservam ou das fortificações construídas nas estratégicas zonas costeiras.

A Galiza moderna

A Idade Moderna tem início na Galiza em finais do século XV, com a chegada de Fernando de Acuña a quem é concedido o título de Governador e Capitão-General. A sua missão era pacificar a revoltosa nobreza galega. Com ele iniciava-se o que alguns chamaram **doma e castração da Galiza**. A conjuntura que o governador encontrou era a de um território no qual **a maioria das gentes vivia no mundo rural** e em que as cidades funcionavam como centros a partir dos quais se governava tudo em sua volta.

Nas **ruas e praças** da **Galiza** ainda se podem apreciar restos do chamado **estilo plateresco**, uma variante do gótico que nasce na época dos Reis Católicos, e que deixou monumentos como o **Hostal dos Reis Católicos em Santiago de Compostela** ou a **basílica de Santa María la Mayor de Pontevedra**.

Em **Portugal**, entretanto, sob o governo dos **Avis** reinava a paz, o que permitiu que o país se dedicasse à exploração de novos territórios. A verdadeira **revolução** é o surgimento do **estilo manuelino**, uma peculiar evolução do gótico flamejante, que teve uma grande difusão no norte do país. Alguns dos melhores exemplos deste estilo encontram-se em **Vila do Conde**, como a **igreja de Azurara**, o

convento de Santa Clara ou a **igreja matriz de São João Baptista**. Esta igreja, uma das joias do manuelino, declarada Monumento Nacional em 1910, preserva uma capela do transepto dedicada à Nossa Senhora da Boa Viagem, mandada construir pela comunidade de mareantes, um dos exemplos mais antigos deste tipo que se conserva no norte de Portugal. Um bom exemplo de arquitetura civil

deste estilo em Portugal, é a **Casa dos Costa Barros em Viana do Castelo**.

A maior parte do edifício que se conserva hoje é de época posterior, mas manteve uma interessante janela de estilo manuelino que embeleza o conjunto.

Quando em **1504 morre Isabel I de Castela** toda a coroa emudece. Os vinte anos de governo dos Reis Católicos tinham sido um tempo de estabilidade, mas a situação que se apresentava agora era uma incógnita. Não há um herdeiro barão, nem um pretendente aceite por todos. O seu viúvo, Fernando de Aragão, é nomeado regente mas sem capacidade de intervir nas questões importantes. Abre-se então **um vazio de poder espalhando adesordem e a anarquia**.

Em 1517 chegava ao país um jovem criado na corte de Borgonha, que apenas sabia uma palavra de espanhol. O seu nome era Carlos e o seu destino era criar um dos impérios mais relevantes da história da humanidade. No início, no entanto, não foi fácil, já que tem de

lidar com duas importantes revoltas, as Germanias em Aragão e as Comunidades em Castela. A Galiza, que fazia parte da coroa de Castela, não será cenário protagonista destes conflitos, mas não lhes foi alheia. A memória do movimento Irmandinho e a repressão posterior continuava muito viva. Se **Carlos I** foi o **imperador de um extenso império**, o seu filho **Felipe II** será o **rei da mais vasta monarquia que o mundo já conheceu**. Como o próprio dizia, “no seu reino, o sol nunca se punha”.

À morte de Felipe II, sucede-o o seu filho **Felipe III**, um homem pouco interessado nas funções de governo e que irá ceder boa parte das suas tarefas a um favorito, que se conhece com o nome de valido. Esta época é marcada por uma crise do sistema nascido em épocas anteriores. O país não é capaz de manter a sua situação a nível internacional, as derrotas sucedem-se e, a nível interno, a população e a produção agrária caem a pique. Os reis seguintes, Felipe IV e Carlos II, não terão muito mais sorte. Por isso, **o século XVII é uma época de crise em Espanha**.



1. Hostal dos Reis Católicos (Santiago de Compostela)
2. Santa María la Mayor (Pontevedra)

Janela manuelina (Viana do Castelo)



Igreja matriz de São João Baptista (Vila do Conde)

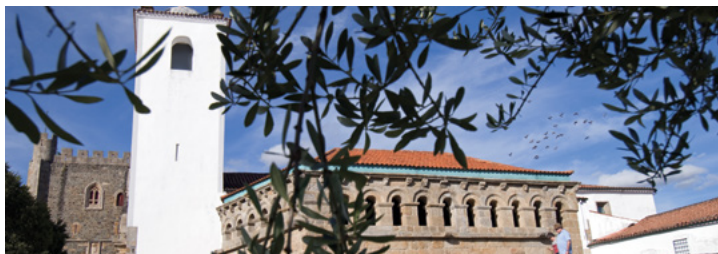
Da União Ibérica à Casa de Bragança

Em Portugal, a dinastia de Avis chegava ao fim após a morte de Sebastião I. O **vazio no trono português abre uma nova etapa de instabilidade e de incógnitas**. Muitos são os aspirantes ao cetro mas um conseguirá impor-se sobre todos. Trata-se de Felipe II que por aquela altura já era rei de Espanha e cujos direitos sobre o trono português advinham da política matrimonial das casas reais de Castela e de Portugal. Os **territórios peninsulares que ficaram sob o domínio de Felipe II**, uma vez que foi **coroado como rei de Portugal**, serão conhecidos como União Ibérica, um projeto político que permitiu que mantivessem a sua total autonomia em matéria jurídica e fiscal. A **rutura deste projeto comum** tem lugar em 1640 com a **Guerra da Restauração** da independência portuguesa, cujos confrontos se prolongam até ao Tratado de Lisboa de 1668.

O final da contenda marca o início de uma **nova dinastia**, a Casa de Bragança, com a qual o país se aventura na **exploração económica dos seus domínios além-mar**. Brasil entra na história portuguesa com força, com importantes reservas de ouro, que permitem que o Portugal do **último quarto do século XVII** emerja do **pós-guerra com grande vigor**.

A **Galiza e o Norte de Portugal** **convertem-se** durante esta disputa, dada a sua proximidade, **num dos cenários mais importantes**. A situação de partida é a de uma **raia** na qual já existia uma linha defensiva,

onde normalmente as fortalezas se situavam de forma paralela. Por isso, **quando estalam os confrontos fortificam-se os castelos já existentes**. Assim sucede com Tui e a vizinha Valença do Minho, ou com Chaves e Monterrei. A par da reforma de estruturas anteriores também se edificam **novos fortes costeiros**, como o de **Vila do Conde, Nossa Senhora da Assunção**, também conhecido como **São João Baptista**, ou o **Forte de Santiago da Barra**, em **Viana do Castelo**. Ambos construídos nos inícios de século XVI e amplamente modificados em finais desse século e do seguinte.



Castelo de Bragança (Bragança)

O ocaso dos Áustrias e a chegada dos Borbões

A **morte sem herdeiros** do último Áustria, Carlos II, converteu a **Península Ibérica no palco de disputa entre as grandes potências internacionais**. A conhecida **Guerra de Sucessão** é um dos episódios mais interessantes que tem lugar justamente frente às costas galegas. É a conhecida **batalha de Rande**, à entrada da **ria de Vigo**, na qual a frota hispano-francesa perseguida pelos ingleses procura refúgio.

Terminada a guerra, **a vitória de Felipe V dá lugar a uma nova dinastia, a dos Borbões**, com a qual **se propagam em Espanha muitas das ideias reformadoras da corte francesa**. O seu reinado, um dos mais longos da história, marca a primeira metade do século XVIII em Espanha. É uma **época de reformas e de mudanças** em que se luta pela abertura face a novos mundos e em que o país é já consciente de que não lhe pertence esse papel protagonista, que tinha tido em séculos passados. As relações com Portugal, que também vive um processo reformista e de abertura, normalizam-se. O sucesso destas reformas será muito variável, bem como o seu alcance cronológico. A morte de Felipe V e a **chegada ao trono** de seu filho, **Fernando VI**, **marcam uma nova época para a política do país**.

Os Borbões em Espanha e a dinastia de Bragança em Portugal fazem do **século XVIII um momento de mudança e crescimento contínuo**. Na segunda metade do século, a política reformista é revitalizada em Espanha pela mão de Carlos III, o **alcaide de Madrid**, e em Portugal pela governação do Marquês de Pombal, ministro de José I. Mas rapidamente começam a aparecer detratores que pretendem que a situação volte atrás e que irão aproveitar a morte, em Espanha, de Carlos III, e, em Portugal, de José I, para paralisar as reformas que se tinham feito. É por este motivo que a situação que Napoleão encontra é a de **dois países com uma sociedade dividida, governada por dois monarcas**, Carlos IV e João VI, que **carecem de uma política clara e definida** como a dos seus antecessores.



Sabias que...

“Conta-se que na ria de Vigo ainda se podem encontrar vestígios daquela frota formada por dezanove galeões espanhóis, escoltados por vinte e três barcos de guerra franceses, que transportavam cento e oito milhões de peças de prata, ouro e outras mercadorias preciosas, com as quais Felipe V ia custear a Guerra de Sucessão. Atrasos burocráticos permitiram a chegada de uma frota anglo-holandesa que, após a batalha, conseguiu levar apenas cerca de quarenta milhões de peças.”



Palácio de Mateus (Vila Real)

Os paços: grandes joias da cultura galaico-portuguesa

A história destes anos é também o **tempo dos fidalgos**, homens que lutam por encontrar o seu lugar para ascender socialmente e legitimar a sua condição. Por isso, inventam linhagens e ascendências míticas e **constroem casas que imitam a nobreza**, classe que aspiram integrar. Os paços são um tipo de arquitetura que exemplifica, como nenhuma outra, os valores e aspirações dos seus criadores.

A **geografia galega e portuguesa** está **salpicada por múltiplos exemplos desta tipologia**, de tal forma que é difícil encontrar lugares onde não existam. Apesar disso, há determinadas zonas onde os paços proliferaram em maior medida. Tal é o caso de **Vilagarcía de Arousa, situada na comarca do Salnés**, que na época moderna conheceu um crescimento sem precedentes, o que deu lugar ao surgimento de uma série de famílias importantes. Em poucos lugares se aprecia tão bem a presença desses fidalgos construtores de paços como nestas terras, motivo pelo qual são muitos os exemplos que chegaram até aos nossos dias.

O primeiro paço do qual se dá nota é o de **Rubiás**, mandado edificar por García de Caamaño, a quem se atribui a fundação da própria cidade. No século XVIII, sobre este edifício, do qual apenas restam vestígios, foi erguido outro paço de acordo com novos gostos. Do conjunto atual destaca-se o habitual recurso ao leão como elemento iconográfico, os seus cuidados jardins e o seu relógio de sol.



Paço de Bóveda (Monforte de Lemos)

Em 1545, Álvaro de Mendoza e Sotomayor, membro de outra das grandes famílias da zona, manda construir o **Paço de Vista Alegre**. A sua localização era privilegiada, pois permitia controlar todo o perímetro e tinha a seus pés o porto. Atualmente, insere-se dentro do traçado urbano. À construção inicial foi adicionado um convento, ligado ao paço através de um arco passadiço e cerrado com um muro perimetral, que confere ao recinto a imagem característica que agora apresenta. Outros paços da zona que merecem uma visita são os de **O Rial**, característicos pela sua capela e cruzeiro, ou os **de Sobrán e de Pardiñas**, de finais do século XV e XVI, respetivamente.

Por todo o **território galego** existem muitos mais, ligados às grandes famílias da época. Entre os melhores exemplos encontram-se paços como o de **Tor em Monforte de Lemos**, o de **Bendoiro em Lalín** ou o dos **marqueses de Bóveda** em Lugo. Em Portugal, um dos melhores exemplos é, sem dúvida,



Paço de Tor (Monforte de Lemos)

o **Palácio de Mateus** em Vila Real, uma excelente mostra do barroco civil, atribuído ao arquiteto Nicolau Nasoni, que teria construído o palácio na década de 1740, ao qual adicionou uma capela igualmente barroca. O conjunto é completado pelo edifício destinado a adega. Por último, destaca-se o **Solar Condes de Resende** em Vila Nova de Gaia.



Caves do Vinho do Porto (Vila Nova de Gaia)

As caves

Os descobrimentos produzem também os seus efeitos. **Aparece uma burguesia comercial**, e com ela novos gostos e pautas de comportamento. A importância da atividade comercial será decisiva e ainda se pode observar em muitas das cidades do Eixo Atlântico, como **Porto ou Vila Nova de Gaia**, onde nasce a **Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro**. As duas cidades são um bom exemplo de como as atividades económicas podem alterar o traçado urbano.

Atualmente, Vila Nova de Gaia é associada, de forma generalizada, com às caves das grandes marcas de vinho do Porto, mas poucos sabem que a origem das mesmas se situa nesta época, e, mais concretamente, na decisão do Marquês de Pombal de endurecer as condições para a exportação de vinho. Este incipiente comércio vitícola, num primeiro momento, tinha uma importância complementar face às restantes atividades económicas que se desenvolviam, mas será no século XX que se poderá falar de uma autêntica especialização. Esta é a **origem de caves tão famosas como Calém, Sandeman, Ramos Pinto, Real Companhia Velha, Offley ou Ferreira**.



Real Companhia Velha (Vila Nova de Gaia)



Caves Calém (Vila Nova de Gaia)



Novas formas de Governo

Mas na Idade Moderna não só emerge uma nova classe social, como também **se alteram as formas de governar**. A distância dos reis gera uma nova necessidade, a de criar instituições ou delegar em pessoas as tarefas de governação diárias, das quais, aqueles já não se podem ocupar. Aparece, assim, **a figura de corregedor**, representante do rei nas cidades, figura existente tanto na Galiza como no norte de Portugal. Apesar da sua importância, apenas deixaram vestígios arquitetónicos. Uma, excecional, é a chamada **Casas Reales de Cimadevila ou do Corregedor em Ourense**, que estavam situadas entre os números 16 e 17 da atual praça do Corregedor. Do edifício original preserva-se a inscrição dedicatória, em que se distingue o escudo dos Reis Católicos e que hoje se situa numa fachada do século XIX.

As **câmaras municipais**, reunindo os cidadãos de maior destaque da cidade, **ganham força** e peso tanto na **Galiza** como em **Portugal**. Um dos melhores exemplos deste tipo de arquitetura são os **Antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo**.

“As câmaras municipais, reunindo os cidadãos de maior destaque da cidade, ganham força e peso tanto na Galiza como em Portugal”

Este edifício conjuga rasgos do gótico com influências do maneirismo. O exterior é de sólida cantaria e mostra uma certa semelhança com os antigos paços municipais de Guimarães.

A Galiza, que no início da época moderna tinha sido um dos territórios que mais custou pacificar e controlar, contará, além disso, com outras instituições fundamentais que são **a Real Audiência e o Capitão General**. Ambas tiveram inicialmente a sua sede em Santiago, mas já no último quarto do século XV são transferidas para **A Coruña**, onde não tiveram uma sede fixa até que, em 1748, se procede à construção de novas instalações. Este edifício é hoje ocupado pela **Capitania Geral da Galiza**, que chegou até nós sem modificações significativas, salvo as necessárias para adequar o seu uso às necessidades do século XX.

Mas nem tudo foi bom governo e consenso ao longo destas datas.



1. Paços do Concelho (Viana do Castelo)
2. Casas Reales del Corregidor (Ourense)



3. Paço dos Távoras (Mirandela)

São muitos os momentos em que esta sociedade vai entrar em conflito. Um dos palcos de um destes episódios está em **Mirandela, no Paço dos Távoras**, construído em inícios do século XVI e remodelado a partir de

1709 em estilo barroco. Após ser confiscado à família por ordem do rei, ficará em situação de abandono até ser comprado pela Câmara Municipal de Mirandela, onde agora tem a sua sede.



Património etnográfico: os espigueiros

A nível económico vai ocorrer algo que **altera a paisagem dos campos galegos e portugueses** e, sobretudo, **altera a sua dieta**. Trata-se da difusão de um novo cultivo vindo de além-mar, **o milho**. A sua introdução permite um aumento da produção e, consequentemente, o crescimento da população, mas também traz a necessidade de ter um lugar para o armazenar.

É assim criado um dos **elementos mais característicos do património etnográfico, os espigueiros** ou canastos, chamados hórreos em algumas zonas de Espanha. Interessantes exemplos deste tipo de construções encontram-se por todo o território. Tratando-se de arquitetura popular, na sua construção são usados os materiais construtivos locais, adaptando-se às características da produção agrícola. Para comparar os espigueiros das diversas zonas é recomendável visitar os das **Rías Baixas galegas, os de Ourense e os do norte de Portugal**. Entre eles constata-se um grande contraste, como por exemplo, entre os hórreos construídos na ria de Pontevedra e os espigueiros de Santa Maria da Feira.



Espigueiro galego



Reforma e contrarreforma: O Barroco

O **aparecimento e a difusão da imprensa** é um feito que caracteriza e diferencia a cultura do mundo moderno de épocas passadas. A possibilidade de imprimir várias cópias dá azo ao nascimento do mundo do livro e a uma certa democratização da cultura, que deixa de ser património exclusivo das comunidades eclesásticas. A **primeira imprensa da Galiza**, e uma das mais antigas de Espanha, situava-se em **Monterrei**, muito próximo de Verín. Foi aí onde se deu forma ao primeiro incunábulo galego, o **Missal Auriense**, que hoje está no **museu da catedral de Ourense**.

Junto com o gosto pelo livro e a rápida difusão de ideias, a Europa é agitada pelas ideias de um monge agostiniano, **Lutero**, que na Alemanha **predica por uma reforma radical da igreja**, que devia deixar de lado o seu poder terreno e voltar a centrar-se no espiritual. A difusão do seu pensamento provoca uma reação por parte do catolicismo, que se concentra no Concílio de Trento. É a chamada **Contrarreforma**, caracterizada por uma **reafirmação da ortodoxia e da fé católica**, que dá lugar a **um novo estilo artístico, o barroco**.

O barroco é uma reação à reforma protestante: se esta defendia uma simplificação do culto e da arquitetura, agora irá realizar-se uma reafirmação do fausto e da ornamentação. Trata-se de um dos estilos artísticos que mais e melhores exemplares deixou no território do noroeste peninsular, o que demonstra o êxito do espírito contrarreformista nesta área geográfica.



Missale Auriense (catedral de Ourense)



Praça do Obradoiro (Santiago de Compostela)

Barroco na Galiza

É no **século XVII** que a **difusão do barroco na Galiza** ganha força, sendo **Santiago o principal centro criador e difusor**. A imagem que a cidade de Santiago atualmente transmite, esse “mar de pedra”, é o resultado da importância que a arquitetura barroca teve na cidade. Numa primeira fase, entre 1650 e 1750, as classes privilegiadas, nobreza, fidalguia e clero, começam a construir grandes edifícios de pedra que contrastam com a arquitetura popular tradicional, maioritariamente de adobe e madeira.

A **introdução do barroco** em **Santiago começa pelo mosteiro de San Paio**, que reforma a fachada que dá para a **praça da Quintana**, e é concluída com a construção da **fachada do Obradoiro da catedral** e o **palácio de Rajoy**. Ao longo deste tempo, a cidade concentrou os mais eminentes arquitetos galegos, que deixaram mostras de enorme valia. Entre outras numerosas construções, Domingo de Andrade é autor da torre do relógio da catedral, da fachada barroca do convento de San Domingos de Bonaval, da casa da Parra e da Casa da Conga.

A **igreja da Compañía de Romay**, da mesma época,, é um excelente exemplo de adaptação das características do barroco à tradicional austeridade **arquitetónica dos jesuítas**. **San Martiño Pinario** também sofre uma significativa reforma nesta época, pela mão de Frei Gabriel de las Casas, o melhor representante do **classicismo compostelano**. Outro arquiteto que teve uma personalidade própria dentro das características gerais foi Simón Rodríguez, que optou pelo chamado **barroco de placas**, do qual existe um excelente exemplo

na **fachada do convento de Santa Clara**. Mas será, sobretudo Fernando de Casas y Novoa que levou o estilo ao seu ponto alto com a monumental fachada da catedral.

Dada a difusão que o **barroco** teve **na Galiza**, uma das suas características definitórias é a sua **grande adaptação aos materiais e características locais**. É por isso que no concelho de **O Barco de Valdeorras** tem um carácter singular. Entre os exemplos que sobrevivem, há que destacar a igreja de San



San Martiño Pinario (Santiago de Compostela)

Clemente em Cesures, a capela de Éntoma em San Xoan, a igrexa de San Martiño em Viloiro e a capela de San Sebastián em Xagoaza. A utilización de matéria-prima local é facilmente visível, em contraste à cantaria em granito maioritária do barroco do

mundo urbano e até de muitas zonas do mundo rural. Nestes sobressaem as paredes de pedra tosca em San Clemente de Cesures ou de alvenaria na capela de Éntoma. A principal característica são os telhados de ardósia.



San Martiño Pinario (Santiago de Compostela)



Igreja de Sta Baia de Arealonga (Vilagarcía de Arousa)



Casa do Raio (Braga)

Barroco em Portugal

Em Portugal o barroco é um estilo com **uma difusão considerável** e que se irá propagar em lugares, nos quais, de uma maneira ou outra, já tinha chegado o maneirismo. Este estilo irá **difundir-se desde finais do século XVII até ao XVIII**, em que uma intensa atividade construtiva tanto religiosa como civil converte o **Porto na capital do barroco português**. Um arquiteto sobressai com força neste momento, o italiano Nicolau Nasoni, que realiza numerosos edifícios como a fachada da igreja da Misericórdia e o conjunto dos Clérigos, no qual se destaca a torre de quase 75 metros de altura. Também em **Matosinhos** irá remodelar por completo a Igreja Matriz, da época renascentista e que agora será adaptada por completo ao novo gosto barroco, mediante uma rica ornamentação na qual se destacam os dourados. Mas será, sem dúvida, na fachada onde os rasgos do barroco monumental de Nasoni melhor se poderão apreciar.

Mas além daquelas obras nas quais intervém diretamente, a sua influência está patente noutras, da época, de diferente tipo. Na **arquitetura religiosa** está patente nas diversas **reformas da Sé**, na **igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo** ou na **Casa do Despacho da Ordem Terceira de São Francisco**.

A par destas, palácios que demonstram o **poderio das elites locais**, como o Palácio Episcopal, que foi reconstruído, ou o **Palácio de São João Novo** e o **Palácio do Freixo**.

A importância da **renovação arquitetónica** que o **barroco** assumiu no **Porto** será continuada, na década de sessenta, com a criação da **Junta das Obras Públicas**. Para a presidir é nomeado João de Almada e Melo, comandante militar, e é elaborado um plano de reordenamento do espaço urbano com base em critérios mais racionais. A particularidade, é que

se trata de um dos primeiros planos urbanísticos de conjunto de uma cidade na Europa da época. O eixo em torno do qual se devia organizar partia da Praça da Ribeira até ao Campo de Santo Ovídio, atual Praça da República.

Em **Braga** o **barroco** caracteriza-se pela sua **grande originalidade** e por uma **linguagem complexa, um antecedente do rococó**. No seu nascimento e difusão, este estilo contará com o mecenato dos bispos da cidade, pelo que se trata de uma arte maioritariamente religiosa.



Igreja da Misericórdia (Porto)



Interior Igreja matriz (Matosinhos)

Destaca-se, em meados do século, a figura de André Soares, um arquiteto que inicia o seu trabalho em 1753, com a fachada da igreja de Santa Maria Madalena da Falperra. Obra dele são também excelentes exemplares de arquitetura civil como a Casa da Câmara e a Casa do Raio.

Mas será sobretudo o arquiteto Carlos Amarante que acabará por impor um novo desvio no barroco da cidade, muito mais próximo às formas do

classicismo. Encontramos um dos melhores exemplos desta arquitetura no **Santuário do Bom Jesus do Monte**, que do seu topo oferece uma das melhores vistas da cidade. O que melhor caracteriza este edifício são as escadarias, que unem a parte alta da cidade ao templo e que superam um desnível de quase 116 metros. A ornamentação é muito cuidada e em cada lanço do escadório existe uma série de fontes, cada uma delas com motivos escultóricos diferentes.



1.Santuário de Bom Jesus do Monte (Braga)/ 2.Torre dos Clérigos (Porto)
3.Casa da Câmara (Braga)

A conjugação destes elementos anteriores com as novas ideias de um barroco português, conhecido como **“barroco nacional”**, dão lugar a formas muito características. É um estilo que se aprecia melhor no mundo rural do que no urbano e do qual **Macedo de Cavaleiros** tem exemplares de excelência, como as igrejas de Podence, Soutelo Mourisco, Grijó, Edroso, Chacim, Cernadela, Castelãos, Bornes, Vale de Prados e Vilar do Monte. Noutros casos também se constroem igrejas ex novo como as de Murçós, Macedo de Cavaleiros, Lamalonga, Ferreira, Bousende, Burga, Vilarinho de Agrochão ou Vinhas.

Além de uma notável arquitetura religiosa, nesta zona preservam-se bons exemplos de **expressão popular** como as **Alminhas da ponte de Cernadela**, conhecidas na Galiza por petos de ánimas. Ainda mais excecional é que tenham chegado até aos nossos dias os pelourinhos de Chacim, Nozelos, Pinhovelo e Vale de Prados, vestígios da importância da aplicação de justiça do Antigo Regime.

Na cidade portuguesa de **Mirandela**

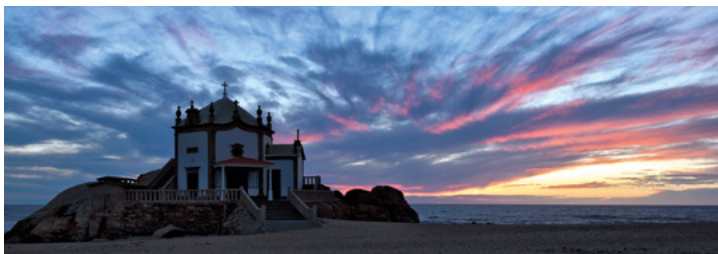
conservam-se bons exemplos da **arquitetura popular** deste mesmo período. É difícil datar com exatidão este tipo de estruturas, mas o seu valor patrimonial e etnográfico é inegável. Além disso, trata-se de uma das melhores expressões da religiosidade entre o povo e um fenómeno que não conhece fronteiras, pois apenas algumas **diferenças se registam entre as terras ao norte e ao sul do rio Minho**. Por isso, a visita a este núcleo do nordeste português é muito recomendável. Chegaram até hoje em bom estado alguns exemplares de **alminhas** e cruzeiros. No que diz respeito a alminhas, são de merecedora visita as de **Barcel, Caravelas, Cedães, Freixeda e Vila Boa**. Com respeito aos cruzeiros, ressaltam os de **Abreiro, Santa Bárbara, Vale da Sancha e Vale de Salgueiro**. Paralelamente, preserva-se ainda uma boa representação de outro tipo de construção de caráter popular, mas com uma orientação radicalmente diferente, os pelourinhos. Bons exemplos são os de **Abreiro, Frechas, Lamas de Orelhão, Mirandela, Torre de Dona Chama e Vale de Prados**.



Igreja de Vilarinho de Agrochão (Macedo de Cavaleiros)



Igreja de Lamalonga (Macedo de Cavaleiros)



Capela do Senhor da Pedra (Vila Nova de Gaia)

Mosteiros e arquitetura

O início da época moderna é um momento de profunda mudança e transformação em duas monarquias católicas, a portuguesa e a espanhola. Na **transição do século XV** para o XVI realizam-se vários projetos de **reforma de mosteiros**. No caso espanhol, a Reforma Observante impulsionada por São Bento de Valladolid, assim como a criação da Congregação de Castela, através da qual muitos mosteiros de pequeno tamanho desaparecem e são agregados a outros de maior dimensão, para melhorar o cumprimento das regras e o controlo das rendas. Estas mudanças chegarão também aos mendicantes, que foram submetidos a uma maior vigilância. Em Portugal, essas reformas não se farão sentir na mesma medida mas, ainda assim, acabará por se criar um mosteiro que funcionará como casa-mãe da congregação no Brasil e em Portugal. Este mosteiro é São Martinho de Tibães, em Braga.

Um lugar onde se observam nitidamente os efeitos deste processo é o **mosteiro cisterciense de Oseira**, perto de O Carballiño, que nasce intimamente ligado à sua condição de lugar de passagem em direção àquele mosteiro. Fundado no século XII, um incêndio destrói boa parte das suas instalações, reedificadas nos séculos XVI e XVII graças ao ressurgir que a comunidade vive com base na reforma.

Em Portugal, é o **mosteiro da Serra do Pilar**, em **Vila Nova de Gaia**, o que melhor exemplifica as reformas e mudanças que as ordens monásticas vivem nos inícios da época moderna. Este edifício é construído no século XVI a mando do rei, que decide transferir os monges do mosteiro de Grijó, em ruínas, para a serra de São Nicolau, mesmo em frente à cidade do Porto. O mais notável desta construção deve-se à planta circular tanto da igreja como do claustro. Mas não deixa de ser significativo que a comunidade à qual é entregue seja a de Santo Agostinho, uma ordem que mistura elementos das ordens mendicantes e da vida eremítica.



Mosteiro de Grijó (Vila Nova de Gaia)



Convento de Vilar de Frades (Barcelos)

Arquitetura de novas ordens: jesuítas, jerónimos e lóios

Não só se assiste à reforma de velhas ordens como também se verifica a difusão de outras novas como **os jesuítas**. No caso português, têm mais importância os jerónimos e os cônegos seculares de São João Evangelista ou Lóios. Os primeiros tinham maior interesse no estudo, enquanto os segundos se dedicavam inteiramente à ação pastoral. Alguns dos melhores exemplos da arquitetura destas novas ordens são o **mosteiro de Santa Maria da Feira** ou a **igreja de Vilar de Frades**, no término de **Barcelos**, primeira sede dos Lóios.

A difusão da Companhia de Jesus, jesuítas, deixou várias mostras que partilham o gosto pela **decoração austera e simples**. O exemplar de maior relevância é o **Colégio de Nossa Senhora da Antiga**, também conhecido como o **Colégio da Companhia em Monforte de Lemos**. A relação e a influência que os Condes de Lemos tiveram na configuração da atual cidade são inegáveis. A história de Monforte beneficia, grandemente, da importância que os Castro tiveram na política espanhola da Idade Moderna. Não podia ser de outra forma, pois tratava-se do núcleo central e homónimo de uma casa que acumulará algumas das distinções mais importantes e de maior responsabilidade da Espanha da época. São membros do Conselho

de Estado, vice-reis de Nápoles e, no caso do cardeal Don Rodrigo de Castro, também do Supremo Conselho da Inquisição.

“O Escorial galego”, conjuga as características do estilo herreriano (referente a Herrera) com os princípios da arquitetura jesuíta.”

Este edifício conhecido como **“o Escorial galego”**, conjuga as características do estilo herreriano (referente a Herrera) com os princípios da arquitetura jesuíta. A influência das suas formas arquitetónicas propaga-se pela zona e prova disso é o **mosteiro beneditino de San Vicente do Pino**,



Convento dos Lóios (Santa Maria da Faria)

boa mostra do estilo herreriano na Galiza. Também ligado à família Castro nasce o **convento de Santa Clara de Monforte**, que foi mandado construir pela mulher do Gran Conde de Lemos, Pedro Fernández de Castro, após ficar viúva e que hoje

reúne uma das mais interessantes coleções de arte sacra, com peças de Gregorio Fernández, entre outros. Esta coleção completa a pinacoteca do Colégio da Companhia, na qual se destacam obras de Andrea de Sarto e, sobretudo, de El Greco.



Colegio de Nuestra Señora la Antigua (Monforte de Lemos)



Os fortes costeiros defensivos

A época moderna é um período de insegurança, em que as frequentes guerras e a pirataria e banditismo resultam em fome e miséria para a esmagadora maioria da população. Neste sentido, o território da **Galiza e do Norte de Portugal** seguem uma evolução paralela.

A **privilegiada situação geográfica do noroeste peninsular é fundamental na sua história**, já que sempre foi considerado um lugar estratégico. O que explica o facto de, durante a Idade Moderna, ter **sofrido numerosos ataques e incursões de piratas**. É por esse motivo que, ao longo do tempo, se foi construindo uma série de **defesas costeiras**.

A política naval de Felipe II, orientada para o ataque das posições inglesas, provoca a reação britânica. Esta será especialmente violenta nas costas situadas na zona atlântica, o que fica patente após o fracasso da Armada Invencível. Além das perdas de homens e barcos, os portos galegos e portugueses terão de enfrentar a contraofensiva inglesa que se dirige para Lisboa.

“O sistema de fortes costeiros defensivos mais importante e planificado é o que defende as diversas Rias Altas galegas”

Este fenómeno será especialmente visível, no caso galego, na cidade de

A Coruña, que há algum tempo era já a sede da Real Audiência, mas que será a partir desta instabilidade que a sua posição estratégica obrigará a Coroa a reconsiderar o seu planeamento.

Até então a costa galega tinha sido um lugar de passagem e de abastecimento de homens e provisões, mas os ataques de Francis Drake sobre Vigo, em 1586, e sobre A Coruña, em 1589, evidenciam a necessidade de reforçar as defesas. Esta situação de instabilidade e de frequentes ataques faz que ao longo da costa galega prolifere todo um género de estruturas defensivas, que procura garantir a proteção dos ataques. **O sistema de fortes costeiros defensivos mais importante e planificado é o que defende as diversas Rias Altas**



Castelo de San Antón (A Coruña)

galegas. Em todos eles estabelecem-se dois fortes de frente um para o outro, em ambos os lados da ria, unidos entre si por uma corrente submersível, que se pode esticar em caso de ser necessário fechar a circulação.

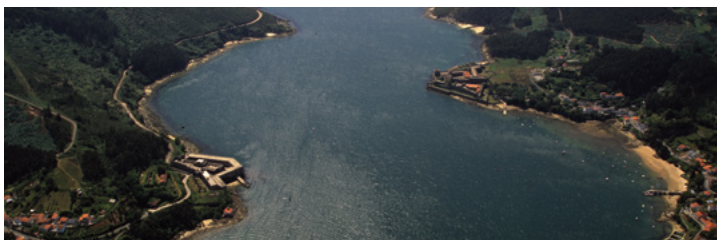
Pode ver-se na **ria de A Coruña, os fortes de Santo Antón e Santa Cruz**, no concelho vizinho de Oleiros. As duas estruturas situam-se em ilhotes, apesar do corunhês estar agora comunicado por terra com a cidade, albergando o Museu Arqueológico. Ambos os fortes, em estilo italiano, imitando o de San Telmo em Nápoles,

foram dispostos de forma a proteger especialmente o porto corunhês, que estava sob o controlo real.

Em Portugal, ante o temor dos ataques dos corsários inimigos de Espanha, também se procede à fortificação das posições costeiras. Na zona do **Porto**, irá ser construído no século XVI o **Forte de São João da Foz**, à entrada do **rio Douro** e, no século XVII, a **Fortaleza de São Francisco Xavier** e o **Forte de Nossa Senhora das Neves**, que protegem a foz do rio Leça e as populações de Matosinhos e Leça da Palmeira.



Forte Nossa Senhora das Neves (Matosinhos)



Ferrol como eixo da estratégia naval

À chegada ao **poder dos Borbões criam-se três departamentos navais**, um dos quais se estabeleceu em **Ferrol**, que se converte assim num dos eixos da estratégia naval. Este núcleo ocupa um lugar central dentro da estratégia militar borbónica a partir de 1726. Inicia-se, então, a construção de **dois estaleiros militares**, um em A Graña e o outro em Ferrol. Será a partir de 1749 que Fernando VI decide por um lado, que o estaleiro se instale em Esteiro, e por outro, que Ferrol seja a capital departamental marítima. O crescimento que conhecerá ao longo deste século é tal que à altura de 1789 era a maior cidade da Galiza.

A **primeira das séries de defesas costeiras** construídas, de que há constância, data da época de Felipe II, que consistia numa série de três fortes dispostos triangularmente **em ambos os lados da ria de Ferrol, os castelos de San Felipe, San Martín e da Palma**. Esta rede defensiva seria reforçada e reformada com o tempo, com a criação do arsenal. Foram também adicionadas novas estruturas defensivas aproveitando a orografia da zona, como as baterias de San Carlos e San Cristóbal ou o paiol e quartel do Vispón.

pensamento ilustrado e, através das suas dimensões, procura cumprir com uma função defensiva, convertendo-se simultaneamente numa demonstração do poder real.

Ao abrigo do crescimento do arsenal

“A construção do arsenal militar é levada a cabo quando as instalações situadas em A Graña dão mostras de não ter capacidade suficiente”

A construção do arsenal militar é levada a cabo quando as instalações situadas em A Graña dão mostras de não ter capacidade suficiente. O projeto será elaborado pelo tenente general Cosme Álvarez, em 1747, e finalmente aprovado em 1750. Traduz a concretização do

militar, a iniciativa privada começa a concentrar-se na ria, aproveitando as vantagens que o notável crescimento da zona e a liberalização do comércio com a América ofereciam. Um dos primeiros será o arsenal de La Cabana, com capacidade para construir navios até 35 m. de comprimento fora-a-



1,2. Arsenal militar e dique do arsenal militar (A Graña, Ferrol) / 3. Castelo de San Felipe (Ferrol)

fora e cuja doca seca é quase única no seu género. Seguindo o mesmo esquema de racionalidade e proporção do arsenal, foram edificados dois novos bairros na cidade, sendo inclusive o primeiro lugar da Galiza onde se cria uma alameda que funciona como transição entre a zona civil e a militar. Um é o **bairro de Esteiro**, apesar de atualmente estar muito modificado pelas novas construções de

Caranza. Foi pensado para o alojamento dos trabalhadores do estaleiro e organizado em torno de seis ruas paralelas e outras menores que as ligavam. Com uma planificação similar, mas aperfeiçoado, é igualmente criado o **bairro de la Madalena**, pensado para o pessoal da Armada, disposto entre o bairro medieval de Ferrol e o de Esteiro.



Bairro da Madalena (Ferrol)

DA REVOLUCIÓN AOS NÓSOS DÍAS





Introducción

A época contemporânea é um momento de profundas mudanças e transformações, que se fazem sentir em todas as esferas. Com a chegada da Revolução Industrial assistiu-se à passagem do Antigo

Regime para o Novo Regime e com ela uma aceleração do tempo histórico.

As migrações para a cidade chegam à Galiza e ao norte de Portugal, territórios com uma alta taxa de ruralização. Estas migrações, apesar de terem acontecido mais tarde do que em outras zonas, provocaram uma transformação muito maior.

Perante um panorama em que as cidades ganham cada vez mais força do ponto de vista económico e social, as novas ideias adquirem aqui uma dimensão nunca antes vista.

O palco das Guerras Napoleónicas

Após anos de duras batalhas, no meio da polvorosa, surge uma personagem, **Napoleão**. A partir deste momento, a França revolucionária passa ao ataque contra os seus inimigos Inglaterra e Áustria. Neste contexto, Espanha e França selam o tratado de Fontainebleau, no qual acordam permitir que as tropas francesas atravessem a Península para conquistar Portugal e a divisão do país em três áreas de influência. Pouco tempo depois, em finais de 1807, começa a invasão. As tropas espanholas lançam o seu ataque pelo norte, entrando por Valença e avançando face ao Porto, que não tarda em cair. Pelo sul tomam Setúbal. Os franceses, pela sua parte, entram por Alcântara, de onde se dirigem para Lisboa.

A rápida vitória inicial e a retirada da família real portuguesa para o Brasil deveriam ter resolvido a situação, mas rapidamente as cidades espanholas começam a encarar as tropas visitantes como uma força de ocupação, que toma posições em lugares estratégicos para as comunicações com o país vizinho. Os desentendimentos no seio da família real culminaram no **Motim de Aranjuez**, a 17 de março de 1808, pelo que **Carlos IV** abdica e o seu filho Fernando VII sobe ao trono.

A instabilidade reinante é aproveitada pelos franceses, que a mando de Marat tomam a capital. Apenas um mês mais tarde, pai e filho reúnem-se em Baiona com Napoleão, que aproveitando os confrontos e o vazio de poder os obriga a renunciar a seu favor e cede o trono a seu irmão, José I Bonaparte. Todos estes acontecimentos acabam por originar o **início da Guerra de Independência**, um conflito que se estende entre 1808 e 1814 e no qual **os partidários do Antigo Regime, os chamados patriotas, defrontarão os “afrancesados” ou defensores dos novos tempos.**

• As guerras Napoleónicas em Portugal

A Galiza e o norte de Portugal acabaram por ter um papel muito maior do que o imperador inicialmente previu. O príncipe regente, D. João, inteira-se da rebelião espanhola e, a partir do Brasil a 9 de maio, declara formalmente guerra aos franceses.

O primeiro centro a erguer-se é o Porto, onde o general Bellesta faz prisioneiro o seu homólogo francês, Quesnel. A notícia desta revolta espalha-se rapidamente pelo norte. Primeiro chega a Trás-os-Montes, onde o antigo governador de armas da Província, Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda, lidera o movimento que vence em Chaves, Miranda do Douro, Torre de Moncorvo e Vila Real, e daqui se propaga a toda a região. Isto leva a que se organizem milícias em cidades como Bragança

e, mais tarde, em Viana do Castelo, Guimarães, Caminha, e muitas outras.

A 18 de junho o povo amotina-se no Porto, que liderado pelo capitão João Manuel de Mariz **consegue a vitória** e criam uma Junta Provisional do Supremo Governo do Reino, que será encabeçada pelo bispo D. António de S. José e Castro.

Às revoltas populares soma-se a ajuda britânica, que será decisiva ao longo do conflito. Portugal era um valioso aliado e, por isso, um desembarque liderado por **Arthur Wellesley**, perto de Figueira da Foz, **sentencia o fim do domínio francês**. Junot, máxima autoridade delegada por Napoleão, não tem outro remédio senão assinar um armistício pelo qual abandona o país em navios britânicos.

• As guerras Napoleónicas na Galiza

A presença das tropas francesas não durou muito em território galego, mas foi menor ainda em Vigo onde, a 28 de março de 1809, uma sublevação organizada pelo capitão Cachamuíña culmina na expulsão dos franceses. **A reconquista de Vigo marca o início da sublevação no território galego**, pelo que, anos mais tarde, Fernando VII reconhece esta iniciativa com o título de leal e valerosa. Pouco tempo mais tarde, **após a batalha de Pontesampaio em Pontevedra**, a 9 de junho de 1809 **os franceses abandonam definitivamente o país.**



1. Ponte Sampaio (Pontevedra) / 2. Jardins de San Carlos (Elviña, A Coruña)

Em **A Coruña**, as **reminiscências da batalha de Elviña** estão também ainda muito presentes. Nesta desigual batalha, que tem lugar a 16 de janeiro de 1809, as tropas britânicas, lideradas por Sir John Moore, enfrentam um contingente francês melhor apetrechado e mais numeroso e conseguem resistir o tempo necessário para se evacuarem os soldados. Hoje, no lugar de Elviña, uma placa recorda sir John Moore e, nos jardins de San Carlos, conserva-se o túmulo deste célebre militar inglês.

Sabias que...

"Apesar da sua brevidade, é fácil identificar os cenários das Guerras Napoleónicas na atual Galiza. Em Vigo conservam-se ainda restos do castelo de San Sebastián e do de O Castro. Muitas ruas rememoram os protagonistas deste episódio, como a de Vázquez Varela, a de Cachamuíña ou a da Victoria, assim como monumentos como o da Reconquista, na praça da Independência. Inclusivamente, podem ver-se algumas das bandeiras da Reconquista e o sabre do marechal Soult, no museu Quiñones de León."

Novos tempos, novas ideias: o liberalismo

A história destes séculos é um relato do progresso do ser humano, que vê chegar importantes inovações tecnológicas à sua vida. Tanto em Espanha como em Portugal, **a primeira grande revolução foi a chegada do liberalismo**. Trata-se de uma corrente de pensamento e de atuação, que se estende por todas as cidades em que tinha aparecido uma burguesia comercial. Este sector confronta-se com os que defendem que o sistema permaneça como até então, os absolutistas. A luta entre estes dois lados dará lugar a **um século XIX muito conturbado**, que **se manifesta de forma diferente em Portugal e em Espanha**.

As Guerras Liberais

No caso português a situação após a derrota Napoleónica era desastrosa. A família real permanecia no Brasil, enquanto uma junta inglesa controlava a metrópole. Neste contexto, quando o rei João VI morre, os seus dois filhos, Pedro e Miguel, disputam o trono, cada um deles apoiado por um lado diferente. São as denominadas **Guerras Liberais**, que se prolongam entre 1828 e 1836, nas quais **se defrontam absolutistas e liberais**.

Um dos **palcos mais importantes** será a cidade do **Porto**, que em inícios do século XIX conta com uma importante **burguesia comercial**, que **apoiará decididamente os liberais**. Em julho de 1832, um contingente de liberais desembarca na praia de Pampelido, entre Perafita e Lavra, em Matosinhos, que hoje é conhecida como Praia da Memória, devido ao obelisco comemorativo erigido anos mais tarde. Depois de acampar em Pedras Rubras, dirige-se para o Porto de onde as tropas reais tinham fugido. O visconde de Santa Marta concentra em Vila Nova de Gaia as suas tropas e a partir daí lança a contraofensiva absolutista. A luta, que se estende durante algo

mais de um ano, até agosto de 1833, vale ao Porto a atribuição do título de "cidade invicta".

A guerra provocou estragos consideráveis que ainda são visíveis em muitos dos edifícios que chegaram até aos nossos dias, como a casa da **Quinta do Covelo** ou o **forte de São Francisco Xavier**. Este último esteve ocupado durante o conflito pelas forças leais a Miguel I e foi bombardeado em várias ocasiões. Também se conserva o **mosteiro da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia**, que foi utilizado como quartel.

Este episódio foi decisivo e acabou por fazer pender a balança a



Mosteiro da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia)



Igreja de Sta Maria de los Dolores (Lalín)

favor de Pedro IV, pelo que, como reconhecimento, o seu coração preserva-se ainda hoje na igreja de Nossa Senhora da Lapa. A sua vitória devia significar a vitória das ideias liberais mas, para conservar o trono do Brasil, vê-se obrigado a abdicar para a sua filha. A subida ao poder de Maria II, nem por isso

se traduziu na aplicação dos ideais liberais. À semelhança do que se vivia em Espanha no século XIX, a rainha portuguesa aproveita-se do apoio dos liberais para chegar ao poder, mas irá governar com o apoio da maioria, os moderados. À margem fica a facção radical, que não consegue ver satisfeitas as suas aspirações.



Obelisco, Praia da Memória (Matosinhos)

Portugal na segunda metade do século XIX: do rotativismo à Primeira República

Com o decorrer do tempo a sociedade e a cultura portuguesa começaram a avançar numa direção, enquanto a monarquia não mostrava essa mesma permeabilidade. Sob o governo de Luís I, será **instaurado o rotativismo**, que adota como modelo o sistema parlamentar inglês, que se baseia na **alternância do poder de dois partidos**, cujos princípios representam ideias contrárias. São estes o **Partido Regenerador e o Partido Progressista**. O que se pretendia com isto era contentar as várias partes e conseguir assim a estabilidade. Por trás deste novo conceito estava o seu braço direito, Fontes Pereira de Melo.

Mas na aparente calma alcançada, rapidamente se verifica que aqueles que não se sentiam representados passam a ser uma maioria, à medida que o século avança. Esta é a situação que Carlos I encontra quando herda o poder. Ante este panorama confia progressivamente **o governo a João Franco**, um homem adepto de soluções de força cujas medidas apenas vêm **agravar a tensão**.

A 1 de fevereiro de 1908, quando a família real portuguesa regressava a Lisboa após uma longa ausência um grupo de insurretos disparam, morrendo assim o rei e seu herdeiro. De pouco serviram as tentativas do seu filho, Manuel II, em formar um governo que estabilizasse a situação. A 5 de outubro de 1910 **uma revolução republicana proclama a Primeira República Portuguesa**.

O regresso de Fernando VII

Neste mesmo século, a **Espanha** também **se debate entre o liberalismo e o absolutismo**, mas a situação é ainda mais instável. O fim das Guerras Napoleónicas pressupôs o **regresso de Fernando VII**, após anos de guerra em que a sua figura tinha sido idealizada, pelo que é chamado o **desejado**. Mas a situação que encontra é a de dois mundos em confronto, o dos absolutistas e o dos liberais. Rapidamente os atos e as decisões do monarca deixaram clara a sua tendência para as posições absolutistas. Os liberais irão organizar diversos pronunciamentos (golpes de estado) ou conspirações que irão marcar o futuro político. Começa assim uma **tradição do exército de intervir na esfera pública** que será marcante ao longo dos séculos XIX e XX.



Praça de María Pita (A Coruña)

Sabias que...

“Um dos lugares onde melhor se verifica a situação vivida ao longo do século XIX é em A Coruña. Numa zona rica habitava uma significativa burguesia, na qual se propagaram rapidamente as ideias liberais, pelo que se irá converter num dos lugares onde a ação dos pronunciamentos se fará sentir com mais força. O primeiro, que tem lugar em 1815, é liderado por Juan Díaz Porlier, que demonstra abertamente a sua desconformidade com a política do monarca que não respeita as Cortes de Cádiz. Por este motivo é preso e enviado para o castelo de San Antón, onde organiza um novo pronunciamento. Juan Díaz Porlier consegue lançar a sua proclamação e tomar o controlo da Capitania General. Posteriormente, ao comando das suas tropas dirige-se para Santiago de Compostela, mas é atraindo e devolvido à Corunha, onde é interrogado na Real Audiência. Passa os seus últimos dias no castelo de San Antón, sendo transferido para o Campo da Leña, onde é executado. Anos mais tarde, nesse lugar que hoje se conhece como Praça da Liberdade, foi erguida uma estátua em sua honra. Outros espaços mantêm igualmente viva a memória desta figura, como o Castelo de San Antón ou a Real Audiência”..

Do Triénio Liberal às Guerras Carlistas

Os **liberais** organizam diversos pronunciamentos, até que em 1820 conseguem tomar o controlo dando **início ao chamado Triénio Liberal**. Após um breve interregno de três anos, o rei recupera o poder graças à ajuda dos Cem mil filhos de São Luís que, ao comando do duque de Angulema, combatiam pela reinstalação do absolutismo. Dá início a chamada década ominosa que perdura até ao falecimento do monarca.

A morte de Fernando VII, sem herdeiro barão, dá lugar a uma disputa pela sucessão entre a sua filha e herdeira, Isabel, e o seu tio Carlos María Isidro. São as **Guerras Carlistas**, um confronto que culmina com a vitória dos isabelinos, maioritariamente liberais. A divisão do país a nível ideológico é fielmente refletida no mapa, no qual se distinguem diferentes zonas de influência. Assim, o lema Deus, Pátria e Rei teve um enorme impacto em sociedades nas quais, como a galega, a igreja e os sectores privilegiados tinham um peso significativo. Na Galiza, uma das zonas onde este movimento adquiriu maior importância foi a comarca do Deza, onde se organizarão vários grupos armados, que em 1835 intensificam a sua atividade forçando a intervenção das tropas governamentais.

Uma rainha no poder: Isabel II

O final da primeira guerra carlista não conseguiu pacificar inteiramente a situação inteiramente. De facto, este conflito seria reativado em muitas ocasiões e a sua vigência como ideologia política chega até ao século XX. O reinado de Isabel II será tudo menos uma época de calma. Tem início com a regência da sua mãe, María Cristina. À instabilidade que pressupõe o governo de um regente há que somar-lhe o conflito bélico que sacode o país. A proclamação da maioria de Isabel II e o final das Primeiras Guerras Carlistas não solucionam a situação. **O país continua dividido em dois grupos irreconciliáveis** e, à semelhança do que tinha acontecido em Portugal, a rainha tem de buscar apoio nos liberais para chegar ao poder, o que provoca o descontentamento de uma parte considerável da sociedade. A particularidade no caso espanhol é que o **exército irá ter um papel decisivo**.

Pouco tempo mais tarde, em 1820, dá-se a **proclamação da Constituição de 1812**. Juntam-se assim A Coruña e outras cidades galegas, como Ferrol e Vigo, ao **pronunciamento de Riego** que enceta o período conhecido como **Triénio Liberal**. Neste caso, a participação corunhesa é decisiva. Uma nova figura chega nesta época, Espoz y Mina, que é nomeado Capitão General. Em 1823, A Coruña converte-se, junto com Cádiz, num dos últimos bastiões liberais e durante dois meses e meio é sitiada pelos chamados *Cem mil filhos de São Luís*.



A Gloriosa: a revolução do que podia ser

Em setembro de 1868 **a Gloriosa põe fim ao reinado de Isabel II**, que abandona o país rumo a França onde abdica a favor do seu filho. Inicia-se assim o chamado **Sexénio Democrático** em que se tentaram por em prática diferentes soluções que procuravam a instauração de um sistema de corte liberal. A primeira medida proposta foi proclamar uma monarquia constitucional. O eleito foi Amadeo I de Saboya, mas o seu reinado será efêmero, pois não conta com apoios. Ante o fracasso da via monárquica opta-se pela proclamação da Primeira República, que desde o princípio tem de enfrentar a existência de dois grupos irreconciliáveis, uma tendência centralista e unitária, e uma descentralista e federal. A impossibilidade de chegar a um consenso e o crescendo da tensão, são os ingredientes perfeitos para que o futuro Afonso XII e os partidários pela Restauração Borbónica planeiem o seu regresso, o que acontece em 1874.

A Restauração

Afonso XII, filho e herdeiro de Isabel II, inicia um **processo de restauração do poder real**. O sistema implementado é uma **monarquia institucional**. Para se assegurar o controlo e a estabilidade, recorre-se a uma solução à portuguesa, a alternância de dois partidos no poder, o Partido Progressista e o Partido Conservador. O sucesso inicial da **Restauração Borbónica começa a desmoronar a partir do desastre de 1898**. A perda da última das colónias é um balde de água fria para um país muito apegado a esse passado de domínio ultramarino. Toda uma geração, a chamada **geração de 98**, ficará marcada por tal. Paralelamente, a aparente calma conseguida também vacila e as soluções adotadas apenas servem para agravar o problema. Numa tentativa de recuperar o prestígio e reputação perdidas, Espanha decide enveredar pela colonização africana. A zona que lhe tocou em sorte na partilha, fazia parte do atual território de Marrocos. O que não se teve em conta foi a quantidade de homens e recursos que seriam necessários para efetivamente conseguir o controlo.

Esta é a conjuntura que Afonso XIII encontra quando é declarado maior de idade em 1902. O sistema bipartidário também começa a dar sinais de esgotamento e as ideias da necessidade de adotar medidas de força contam com cada vez mais adeptos. Neste contexto, tem lugar o **desastre de Annual**, batalha em que o exército espanhol sofre uma severa derrota às mãos dos rifenhos. Os acontecimentos precipitam-se e, perante o descontentamento geral, o rei confia o governo ao general Miguel Primo de Rivera, que acaba por executar um golpe de Estado. Os primeiros anos do seu governo irão caracterizar-se por

um relativo sucesso, sobretudo em matéria militar. Mas após as vitórias iniciais, assim que se tenta realizar a transição para um sistema civil, começam a surgir os problemas. Quando em 1930 o general apresenta a sua resignação, o rei tem de assumir as tarefas governamentais, mas a sua figura estava totalmente desprestigiada devido ao apoio que tinha concedido ao general e a crise económica era dominante. Obrigado pelas circunstâncias, convoca eleições municipais nas quais se apresentam tanto candidaturas monárquicas como republicanas. Apesar do resultado ter sido uma maioria esmagadora para os monárquicos, a vitória republicana obtida nas cidades leva a que em 14 de abril de 1931 **se proclame a Segunda República.**

O Ressurgimento

À medida que as ideias liberais se iam instalando entre a incipiente **burguesia comercial**, o mesmo acontecia com outro tipo de conceções ideológicas. Uma das mais singulares e representativas, no caso galego, foi o **provincialismo**, um movimento que recuperava uma velha aspiração, ou seja, que a Galiza fosse considerada para efeitos administrativos uma única província. Pretendia-se com isso voltar à situação anterior à divisão provincial de Javier de Burgos, que tinha provocado o desaparecimento da província/ reino da Galiza e a sua divisão nas províncias atuais.

Em 1846 o descontentamento geral eclode em Lugo, onde o coronel Miguel Solís se subleva. O exemplo rapidamente é replicado no território galego até chegar à própria capital, onde a 15 de abril se **constitui a Junta Superior do Reino da Galiza**. A resposta do governo não se fará esperar e os sublevados serão julgados e condenados à morte na vila corunhesa de Carral, sendo por isso conhecidos como os **“Mártires de Carral”**. A este movimento segue-se, na **segunda metade do século XIX, um fenómeno cultural e literário que impulsiona todo um movimento para a defesa da língua e a cultura galegas, o Ressurgimento**, cujos máximos representantes são Rosalía de Castro (Padrón), Eduardo Pondal (Ponteceso) e Manuel Curros Enríquez (Celanova). As suas obras são o precedente para uma série de movimentos de cariz pró-galeguismo, que arrancam já nos finais do século XIX, mas que só na primeira metade do século XX é que virão a alcançar o seu ponto mais notório com as *Irmandades da Fala* e o Grupo Nós, este último de Ourense, conhecido como cenáculo ourensano.



A crise da restauração e as primeiras experiências republicanas

Com a chegada do **século XX** assiste-se à **rutura do frágil equilíbrio** que se tinha conseguido. Em Portugal, a Primeira República portuguesa teve de enfrentar uma difícil conjuntura internacional, marcada pela Primeira Guerra Mundial e suas consequências económicas, acabando por se vir a instaurar, nos anos vinte, um regime de cariz autoritário, o Estado Novo, que com relativas mudanças no seu decorrer, foi o sistema vigente até à Revolução dos Cravos em 1974.

Também em Espanha a Segunda República tem de enfrentar uma difícil conjuntura económica e social. Em junho de 1936, o golpe de estado do general Franco põe fim a este regime e dá início uma longa Guerra Civil (1936-1939) que agitará o território peninsular.

A Guerra Civil

A **Guerra Civil espanhola** foi uma **disputa interna**, na qual **combateram republicanos e nacionais**. Mas foi também o primeiro cenário em que se enfrentaram as grandes potências da época, que funcionou verdadeiramente como ensaio do que viria a ser a Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, o papel desempenhado pela Galiza não se pode afirmar como sendo relevante, onde as tropas franquistas apenas encontraram alguma resistência, e ainda assim de duração e alcance limitados (caso dos maquinistas em Verín ou dos operários industriais em Ferrol).

A rápida vitória franquista na Galiza obrigou a que muitos republicanos procurassem refúgio no monte, a princípio com a esperança de que fosse um esconderijo transitório. São os chamados **maquis**. Para alguns, bandidos sem escrúpulos, para outros, lutadores pela liberdade. Fosse ou não legítima a sua causa, a existência destes indivíduos prolonga-se no tempo, quase até aos anos sessenta. A sua clandestinidade dificulta encontrar vestígios que possamos dizer que foram deixados por eles, mas os montes galegos conservam uma boa parte das estruturas de comunicação que eles usavam e localização semelhante, pelo que é fácil viajar no tempo, quando por ali passamos. Talvez uma das zonas onde seja mais fácil, seja **o vale de Monforte**, onde foi executado o último maqui galego, e que ainda hoje tem **toda uma rede de ligações, caminhos e estradas**, que permitiam a passagem para a vizinha Ourense.

Sabias que...

"Quase todas as cidades galegas conservam ainda hoje vestígios ou placas em memória daqueles que sofreram represálias por pensar diferente. Podem mesmo visitar-se os lugares onde se sabe que se realizavam os fuzilamentos, como o muro do cemitério de San Francisco em Ourense, o Cemitério Civil de Pereiró em Vigo ou a ilha de San Simón, utilizada como presídio durante esta época."

A Transição

Após anos de governo franquista, a sociedade e a economia espanholas tinham provocado grandes transformações que alteraram por completo o panorama. Por isso, quando a 20 de novembro de 1975 Franco dá o seu último suspiro, inicia-se um processo de transformação das velhas estruturas da ditadura para dar abrigo ao novo sistema: a democracia. Uma forma de governo que se concretiza na **aprovação de uma Constituição na qual se reconhecem os direitos e liberdades fundamentais.**

A Espanha que se apresenta é um país devastado pela guerra, em que a industrialização era ainda uma aspiração para a maioria dos setores produtivos. À sua morte em 1975, o país tinha visto aumentar a sua população para cifras jamais alcançadas e os sectores económicos tinham sido reconduzidos.



Industrialización: o sector da indústría conserveira

O primeiro **sector industrial** que despoña é a indústría **conserveira**, da qual **em finais do século XIX a Galiza era já a principal produtora de España**. Assentava numa longa tradición de venda e exportación da sardinha e outros pescados, que através de diversas técnicas de conservación eram enviados para mercados próximos, como o portugués. A chegada dos catalães, em finais do século XVIII, irá introducir importantes novidades, tanto nas técnicas de pesca como de conservación, originando uma certa massificação desta indústría. A proliferação das novas indústrias estende-se precisamente pelos lugares onde já tinham chegado os fomentadores catalães, ainda que entre os novos promotores haja também novas gentes.

Sem dúvida que um dos lugares onde melhor se pode observar o nascimento desta incipiente indústría é na **Ria de Arousa**, onde se instalaram algumas das **primeiras fábricas, como a conserveira de Goday na Ilha de Arousa**. Recomenda-se a visita à **Ilha de Sálvora, em Riveira**, hoje **parte do Parque Nacional Marítimo-Terrestre das Ilhas Atlânticas da Galiza**, onde se podem visitar o que resta de uma das poucas salinas, que existia na Galiza na época moderna, e onde, em finais do século XVIII, se viria a construir uma fábrica dedicada a esta atividade.

O crescimento deste sector continuará próspero até à Primeira Guerra Mundial, aproveitando-se especialmente esta conjuntura bélica para crescer de forma exponencial. Mas o final da guerra e o decréscimo da demanda levaram a uma crise, da qual só se recuperará com o franquismo e os planos de desenvolvimento, entre os quais se destacará especialmente a cidade de Vigo, onde se instalou a fábrica da Citroën.



1. Ilha de Sálvora (Riveira) / 2. Monumento A Sereia (Ilha de Sálvora, Riveira)
3. Fábrica da Citroën (Vigo)



Estação de comboio (Peso da Régua)

Revolução dos transportes: o caminho-de-ferro

Em **Portugal** é neste momento em que a **cidade de Matosinhos** alavanca, após a construção do porto de Leixões, que também resolveu um problema que a região do Porto tinha desde há muito tempo, a **navegabilidade do rio Douro**.

A nível económico, nesta época contemporânea, ocorre uma considerável transformação no norte de Portugal e na Galiza. **A primeira revolução** foi a dos transportes, muito concretamente a chegada e **expansão do caminho-de-ferro**, que permitiu a ligação de territórios até então mal comunicados e portanto periféricos. A construção da **Linha Norte em Portugal** foi um processo relativamente rápido e eficaz e em menos de 25 anos (1853-1877) Lisboa e Porto ficavam ligadas. Em nada semelhante foi o que aconteceu na **Galiza**, onde a **falta de uma organização estatal** que coordenasse os diversos esforços, levou a que pequenas vias fossem sendo construídas autonomamente, além de ser uma construção lenta e descontinua. Enquanto que o primeiro troço que ligava Carril e Santiago de Compostela foi inaugurado em 1873, só no ano 1958 Ourense e Santiago viram chegar a sua ligação por comboio.

As **estações de comboio** são um dos **modelos arquitetónicos mais singulares do século XX**. Na Galiza destaca-se a da **Corunha**, inaugurada em 1935, de **estilo neorromânico**. Muito diferente de outras estações como a de **Santiago** ou a de **Ourense** que **tentam reproduzir a monumentalidade do tradicional paço galego** e que foram realizadas em décadas posteriores.

“As estações de comboio são um dos modelos arquitetónicos mais singulares do século XX”

Relativamente ao caminho-de-ferro e à história do **património industrial galego**, é imprescindível a visita àquela que foi um dos nodos ferroviários galegos, **Monforte de Lemos**. Aqui, encontra-se o **Museu do Ferrocarril (caminho-de-ferro) da Galiza**, no qual estão expostas várias locomotivas históricas e testemunhos dos tempos desta atividade.



Ponte metálica (Peso da Régua)

As pontes como grandes eixos de comunicação

As obras de engenharia, mais concretamente as pontes, merecem um capítulo à parte dentro deste momento de **desenvolvimento dos grandes eixos de comunicação**. Em finais do século XIX, a importância que a atividade comercial em torno do **vinho do Porto** tinha adquirido, exigiam a construção de uma ponte que ligasse a cidade do Porto com Vila Nova de Gaia. Surge assim a conhecida **Ponte Luiz I**, obra do engenheiro belga Théophile Seyrig, cuja construção é iniciada em 1881 e terminada em 1886, convertendo-se num dos **símbolos da cidade**. Esta obra arquitetónica composta por dois tabuleiros, que ainda hoje continua a ser utilizada, é um expoente do gosto arquitetónico da sua época e prova da modernidade das elites portuguesas do século XIX. Com esta completava-se o processo de melhoria das comunicações, iniciado em 1877, com a construção da ponte de dona Maria Pia, que permitiu a chegada do caminho-de-ferro. Outra ponte importante é a **Ponte Eiffel** em Viana do Castelo, que liga a freguesia de Santa Maria Maior com Darque. A sua inauguração teve lugar em 1878, no mesmo ano da mostra internacional, e o seu projeto é de Gustave Eiffel.



Ponte Eiffel (Viana do Castelo)



Ponte Luiz I (Vila Nova de Gaia)



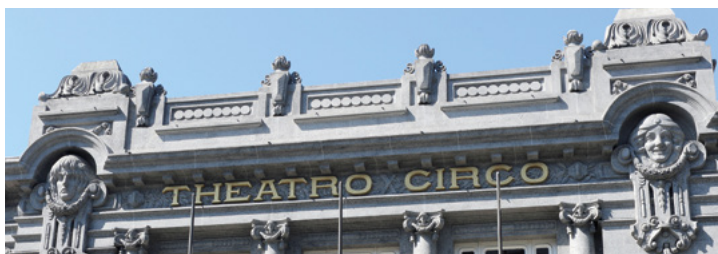
A cidade do século XX

Na esfera social, os últimos duzentos anos de história trouxeram mudanças radicais. A velha conceção estamental cedeu lugar a uma sociedade de classes, em que o principal elemento diferenciador é o dinheiro e na qual as possibilidades de mobilidade social são amplas. **A migração do campo para a cidade e o ingresso da mulher no mundo do trabalho** acabaram por redesenhar um panorama radicalmente diferente ao dos nossos antepassados. Isso fica perfeitamente refletido nas cidades que, face à chegada massiva de população e ao rápido crescimento, redefinem a sua planificação através de ensanches. Em muitas urbes configuram-se uma série de relações centro periferia que resultam na formação dos denominados **bairros operários**.

Vigo é um caso paradigmático da cidade de rápido desenvolvimento. A importância do seu porto e a implantação de um polo industrial fazem com que a sua população se multiplique a partir da pequena vila do século XIX, até ser a maior cidade galega da atualidade. No seu traçado ainda **se observam os contrastes** entre o centro dominado pela **burguesia** e as zonas onde viviam os operários das primeiras indústrias da cidade, nas imediações.



Centro burguês (Vigo)



Novas expressões artísticas

O último quarto do século XX foi o momento, tanto em Espanha como em Portugal, da **transição para a democracia**, uma transformação à qual se chegou de diferentes formas e situações, mas que originou em **ambos os países uma alteração radical**. Ao longo dos duzentos anos anteriores foram sendo **introduzidos novos estilos artísticos e novos modos de vida**. A arte dos séculos XIX e XX democratizou-se e deixou de ser um objeto de consumo exclusivo por parte de uma elite, passando a ser destinado a um grupo mais alargado.

A maior consequência destas mudanças sociais foi o **acesso das massas à cultura** que até então estavam privadas dela e, consequentemente, um aumento dos consumidores possíveis e uma diversificação do mercado. Um caso paradigmático foi o de **Camilo Castelo Branco**, um dos primeiros escritores profissionais portugueses. Atualmente, a **sua casa foi restaurada** para criar um museu em torno da sua figura, que se encontra na freguesia de São Miguel de Seide, em Vila Nova de Famalicão.

A **arquitetura e o urbanismo** figuram também entre os primeiros indicadores destas **novas correntes**. No século XIX a morfologia das cidades modernas transforma-se através de **vários ensanches**, que respondem às **necessidades e gostos da burguesia da época**. Surge um novo estilo, o **modernismo em Espanha e a Arte Nova em Portugal**. O objetivo é

criar uma arte nova e diferente dos estilos dominantes. A inspiração é **a natureza e difunde-se o uso de novos materiais, como o ferro e o cristal**.

“ Surge um novo estilo, o **modernismo em Espanha e a Arte Nova em Portugal**”

Entre os **múltiplos exemplos deste estilo** que se conservam na Galiza, estão o **Balneário de Mondariz** em Pontevedra ou a **Casa Rey** em A Coruña. Em Portugal, encontra-se o **Museu Martins Sarmento** em Guimarães, o **Teatro-Circo de Braga** (1911-15), a **Casa de Portuzelo** em Viana do Castelo, o **edifício da Caixa Geral de Depósitos** no Porto, entre outros. No caso de Ourense, a expansão e difusão do modernismo estão



Casa de Camilo Castelo Branco (Vila Nova de Famalicão)



Theatro-Circo (Braga)

intimamente ligadas à figura daquele que será o arquiteto municipal, Daniel Vázquez- Guliás, autor de edifícios residenciais como **a casa de Fermín García**, hotéis como o **Barcelona** ou o **Roma** e sobretudo, de uma das obras cimeiras desse movimento, **a Casa Taboada**. Para além do enorme valor artístico das construções que chegaram até hoje, há que destacar a sua influência no momento de planear um novo desenho urbano para a cidade.

○ **modernismo em Ferrol** conhece um especial desenvolvimento e irá **conjugarse perfeitamente com a**

arquitetura racionalista, ilustrada em bairros como o da **Magdalena**.

○ arquiteto que mais se destaca é Rodolfo Ucha Piñeiro, que foi arquiteto municipal. Entre as suas obras há edifícios de várias tipologias e funcionalidades, tanto comerciais como particulares, públicos ou privados. Destaca-se a **Casa Romero**, o **Banco Simeón**, o **Hotel Suízo**, o **Casino** ou um dos emblemas da cidade, **a fachada do Teatro Jofre**.



Casa Romero (Ferrol)



Casa modernista (Ferrol)



Hotel de Vidago Palace (Chaves)

Termalismo

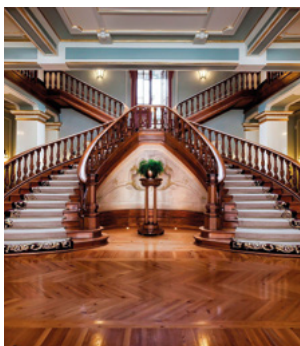
Os novos hábitos de vida e a classe burguesa dão lugar nos séculos **XIX e XX** ao aparecimento dos **primeiros balneários na Galiza e no norte de Portugal**, intimamente ligados, nas suas primeiras manifestações, com **a arquitetura rococó e posteriormente com a modernista**. Em **Chaves**, destaca-se o **Hotel de Vidago Palace**, o **mais emblemático dos hotéis termais de Portugal**, cuja construção se inicia no reinado de Carlos I. Pretendia-se emular os grandes complexos centro-europeus, mas a morte do rei e a posterior proclamação da república deitam por terra esta aspiração.

Outro lugar que representa bem a riqueza termal portuguesa são as **Termas São Jorge**, em Santa Maria da Feira, que começaram a ganhar notoriedade desde finais do século XVIII. Reza a história que esta fama se deve a um criado do padre Inácio da Cunha que, em 1787, curou milagrosamente as suas maleitas graças às suas propriedades curativas. Verdade ou não, no século XIX é construído um balneário termal que continua em funcionamento até hoje.

Ao norte do rio Minho, o **termalismo** vai ser também uma atividade importante. Um dos lugares onde melhor se verifica é no município de **O Carballiño**, onde a



Termas São Jorge (Santa Maria da Feira)



Hotel de Vidago Palace (Chaves)



riqueza das águas termais propiciou a sua exploração já desde a antiguidade. **As Caldas de Partovia**, exploradas desde a época medieval, são um bom exemplo disso mesmo. Mas é o **Grande Balneário**, obra de Vázquez Gullías, o que melhor reflete esse novo gosto que se difundiu entre as classes privilegiadas da sociedade contemporânea. **Cabreiroá** em Verín, atualmente reconhecido pela **qualidade das suas águas**, começa também a despontar, mas inicialmente **como balneário**. A partir de 1906 começa a vender-se as suas águas e o projeto é um sucesso. De tal forma que, após a Guerra Civil se abandona o balneário e apenas persiste a parte do negócio dedicado à comercialização da água. Também em Verín, a história do **Manancial de Sousas** está repleta de lendas que falam das virtudes de uma água mineral, declaradas de Utilidade Pública em 1859, conjuntamente com as de **Caldeliñas**.



Museu de Arte Contemporânea de Serralves (Porto)

A arte do século XX

O século XX é marcado a nível artístico pela difusão da vanguarda e pela diversificação do conceito e do sujeito artísticos. A Galiza tem bons representantes como Maruja Mallo, uma das pintoras de maior destaque do cubismo, Laxeiro ou Seoane, entre outros. Além disso, se tiver oportunidade, poderá disfrutar de grandes centros expositivos de arte contemporânea como o CGAC, em Santiago de Compostela, o MARCO e a Fundação Laxeiro, em Vigo, ou a Fundação Barrié em A Coruña. Mas o pintor que melhor personifica a evolução da arte galega, ao longo deste século, é Eugenio Granell, um homem multifacetado que explorou diversas disciplinas e cuja trajetória de vida é a crónica de muitos outros da sua época. Por isso, a visita à fundação que tem o seu nome, em Santiago de Compostela, é obrigatória para todos os interessados neste género.

Otras disciplinas artísticas también han sido trabajadas. En escultura destaca escultores naturales del norte de Portugal, de la llamada Escola de Gaia, como Soares dos Reis, António Teixeira Lopes ou Diogo de Macedo. Mientras que referente a pintura destaca Amadeu de Souza-Cardozo, pionero de la pintura contemporânea.



Fundação Eugenio Granell (Santiago de Compostela)



Obra de Eugenio Granell

Na **arquitetura**, as **novas tendências** tiveram na Galiza impulsores da grandeza de Antonio Palacios, autor de muitas obras, entre elas o **templo da Veracruz** em O Carballiño. Uma arquitetura que se caracteriza pela monumentalidade e muito influenciada pelo regionalismo arquitetónico. Também grandes artistas como Manuel Gallego Jorrito ou Rafael Baltar, e a par deles contribuições notáveis como a *Cidade da cultura*, o Gaiás, de Peter Eisenman, o cemitério de Finisterre de César Portela, o edifício do ministério de *Fomento* de Aturo Franco ou o

Muncyt, em A Coruña, ou o campus universitário de Vigo de Miralles, entre outros.

Mas é o **norte de Portugal** que neste campo levou a dianteira graças a Álvaro de Siza Vieira. A sua obra, muito ligada à sua cidade natal, **Matosinhos**, é **um dos paradigmas da arquitetura do século XX**. As suas principais obras na cidade são a **Casa de Chá da Boa Nova** (1956) e a **Piscina das Marés** (1960-1966). O que mais se destaca nestas piscinas junto ao mar, é que são abastecidas



Casa de Chá da Boa Nova (Matosinhos)



1. Museu de Arte Contemporânea de Serralves (Porto)

2. Biblioteca Municipal (Viana do Castelo)

de água salgada pelas próprias marés e o facto de se integrarem no meio envolvente sem obstruir a paisagem. Outro projeto de singular valor é o da **Avenida Marginal de Leça da Palmeira** e o arranjo paisagístico envolvente, no qual se procura também não alterar as características naturais e paisagísticas. Em 2004, este projeto é atualizado e é incorporada a **infraestrutura petrolífera que liga o porto de Leixões e a refinaria**. Também interveio em outras obras que merecem uma menção especial como a **remodelação da Quinta da Conceição**, um antigo convento franciscano, no qual o mestre demonstra as possibilidades de

conjugar a arquitetura contemporânea com um adequado tratamento patrimonial.

Destacam-se ainda outros nomes da chamada Escola do Porto, como Alcino Soutinho, com os edifícios da Câmara Municipal e a biblioteca municipal de Matosinhos, Eduardo Souto de Moura, com vários edifícios, Marques da Silva ou Oliveira Ferreira. Por último, há que salientar também a reabilitação da marginal de Matosinhos, o passeio Atlântico, de Eduardo Souto Moura, que se assume como a renovação urbana da zona marginal de Matosinhos, onde existiam antigas fábricas e armazéns.



CGAC (Centro Galego de Arte Contemporânea) e Museu do Povo Galego (Santiago de Compostela)

Se estas obras e outras, como a Quinta da Conceição, Matosinhos e Siza Vieira estão intimamente ligadas, a obra deste arquiteto de prestígio internacional estende-se também a outras cidades do Eixo Atlântico. Como acontece na cidade vizinha do Porto, onde realizou o Museu de Arte Contemporânea de Serralves. Em Santiago de Compostela foi autor da Faculdade de Ciências de Informação e do CGAC (Centro Galego de Arte Contemporânea), num contraste harmonioso com o vizinho convento medieval de San Domingos de

Bonaval, que acolhe o Museu do Povo Galego. Também noutras cidades de Portugal, como Viana do Castelo se encontram interessantes contribuições tanto deste arquiteto como de muitos dos seus coetâneos que colocam esta cidade portuguesa no panorama da arquitetura contemporânea. Bom exemplo disso é a Praça da Liberdade, desenhada por Fernando de Távora, na qual se localiza a biblioteca municipal criada pelo próprio Siza Vieira e o Centro Cultural - Coliseu, desenhado por Souto



Faculdade de Ciências de Informação (Santiago de Compostela)

Notas



Interreg
Espanha - Portugal



Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

CANDIDATURA APRESENTADA NA PRIMEIRA CONVOCATÓRIA DO PROGRAMA
INTERREG VA ESPANHAPORTUGAL (POCTEP) 20142020

